



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

DANIELLE DE QUEIROZ FONSECA

**PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE
EM CONTEXTO DE CONFLITOS ARMADOS: LIMPEZA CULTURAL**

BRASÍLIA

2017



DANIELLE DE QUEIROZ FONSECA

**PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE
EM CONTEXTO DE CONFLITOS ARMADOS: LIMPEZA CULTURAL**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES.

Orientação: Carolina de Abreu Marques Henriques

BRASÍLIA

2017

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA HUMANIDADE EM CONTEXTO DE CONFLITOS ARMADOS: LIMPEZA CULTURAL

Danielle de Queiroz Fonseca– UniCEUB, PIC Institucional, aluno bolsista
queiroz.danielle.dq@gmail.com

Carolina de Abreu Marques Henriques – UniCEUB, professor orientador
carolinaamh@gmail.com

O projeto “Preservação do patrimônio histórico da humanidade em contexto de conflitos armados: Limpeza Cultural” foi desenvolvido pensando na sistemática destruição cultural promovida atualmente pelo grupo terrorista Estado Islâmico (EI), também conhecido como Daesh. A Limpeza Cultural é uma estratégia bélica característica do século XXI, que busca impedir a continuidade cultural de um povo com o deliberado objetivo de possibilitar a imposição de novas ideologias por meio da coerção, considerando a função do patrimônio cultural como meio de construção identitária. A região considerada para a pesquisa corresponde à um território situado entre a Síria e o Iraque, onde outrora foi denominado como Mesopotâmia, o “berço da civilização”, e possui diversos bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial (UNESCO). Visando a proteção e preservação dos bens inscritos na Lista e considerados de valor excepcional, diversas Convenções foram elaboradas pela UNESCO, desde sua criação em 1946, dispondo recomendações e estratégias de prevenção de riscos, incluindo em casos de conflitos armados. Tendo em vista que a UNESCO não possui instrumentos que permitam a ação imediata em meio ao conflito, o debate em torno das ações a serem aplicadas vem crescendo em âmbito internacional, em razão da importância dos patrimônios históricos localizados na região onde foram identificadas as primeiras cidades, há cerca de 6 mil anos. Dessa forma, esse projeto tem como objetivo fundamental conceituar a Limpeza Cultural e buscar compreender como está sendo aplicada nos conflitos recentes ocorridos no oriente médio, analisando e reunindo os principais instrumentos e possibilidades existentes nas recomendações internacionais e outras medidas criadas que visam garantir a salvaguarda dos patrimônios culturais em contextos de conflitos armados.

Palavras-Chave: Patrimônio. Limpeza Cultural. Conflitos Armados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
OBJETIVOS	6
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
METODOLOGIA.....	19
RESULTADOS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
APÊNDICES	27

INTRODUÇÃO

A preservação do patrimônio cultural, de natureza material e imaterial, é de importância fundamental tanto para a memória de um único povo quanto para a memória da humanidade. Entende-se que as estruturas culturais formam a identidade de um povo e quando feridas prejudicam sua identificação sociotemporal enquanto nação.

Em 2015, Irina Bokova, a diretora-geral da UNESCO, manifestou repúdio aos atos adotados por grupos terroristas que visam a destruição dos patrimônios culturais como meio de destruição identitária. As medidas adotadas pelas Nações Unidas e outras instituições internacionais, afim de garantir a salvaguarda do patrimônio cultural, possuem vácuos na ação imediata em conflitos armados, pois trata-se de objetivos secundários frente à questão humanitária.

A destruição deliberada do patrimônio cultural é uma prática comum em contextos de conflitos armados, com a finalidade de enfraquecer a memória e conseqüentemente a identidade de um povo, visando facilitar as ações de imposição de novas ideologias. A Limpeza Cultural, como é conhecida, é ainda um conceito em construção em âmbito internacional e pouco debatido no Brasil. Trata-se de um crime de guerra e um instrumento que compõe a Limpeza Étnica, o genocídio. É uma prática que foi amplamente utilizada por diversos povos ao longo da história, com a intenção precípua de apagar a memória de um povo e instituir um novo modo de vida, uma nova cultura, por meio da imposição ideológica. Uma das características da Limpeza Cultural é a criação de um ano zero, onde o marco inicial faz referência à vitória do opressor.

Com a ascensão do O Estado Islâmico (EI), antes conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS na sigla em inglês), em 2013, em um território fragmentado e fragilizado por sucessivas guerras e a queda de um regime autoritário (Iraque) e um território enfraquecido pela desestabilidade de também um regime autoritário frente às conseqüências sociais da Primavera Árabe (Síria), a ação do grupo ultraradical nas ações deliberadas de destruição do patrimônio cultural se tornaram evidentes nos noticiários internacionais. Os bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial se tornaram alvo das ações do EI, com a intenção de destruir a

memória, enfraquecer a identidade, impor uma nova ideologia e instituir um ano zero, que corresponde à instituição do Califado, em 2014.

O presente relatório apresenta os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica (PIC-UniCEUB) sobre a Limpeza Cultural promovida pelo EI nos últimos 4 anos. Para alcançar os objetivos propostos no projeto, foram analisados os conceitos e os respectivos históricos de elaboração de Patrimônio cultural e Limpeza Cultural, bem como as Convenções e Resoluções das Nações Unidas e do Tribunal Internacional de Justiça, em Haia. Ademais, foram analisadas reportagens sobre a atuação do grupo ultrarradical Estado Islâmico.

OBJETIVOS

O objetivo fundamental do projeto foi analisar o conceito de Limpeza Cultural aplicado nos acontecimentos recentes do Oriente Médio, onde diversos patrimônios culturais inscritos na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO foram perdidos, danificados ou saqueados pelos grupos ultrarradicais que vem agindo na região.

A partir de um levantamento histórico e identificação dos patrimônios culturais ameaçados foram expostas as consequências dessas perdas, como a desestruturação ou extinção do legado cultural da humanidade e das populações locais, tendo em vista que na região escolhida para a pesquisa, Síria e Iraque, também conhecida como “berço da civilização”, foram encontrados os primeiros núcleos urbanos do mundo, ou seja, os remanescentes das primeiras cidades.

O projeto também buscou a compreensão das principais pautas discutidas pelas Nações Unidas em suas Convenções e Resoluções referentes a preservação do patrimônio cultural, em especial em contexto de conflitos armados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entende-se como patrimônio cultural tudo aquilo, material ou imaterial, que foi criado pelo ser humano e detém importância delimitada por ele para a interpretação

e continuidade cultural de um povo. “Os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico etc”. (GONÇALVES, 1998). A identidade de um povo apoia-se em suas tradições e bens materiais, comuns àquela determinada cultura. Sem o apoio de suas especificações culturais, um povo é facilmente coagido a novos ideais. Segundo Emília Viotti “um povo sem memória é um povo sem história” (MARTINHO,2017) e, conseqüentemente, é um povo sem identidade, que “comete erros constates e é facilmente manipulado” (IBAÑES, 2016).

A imposição de aspectos culturais é uma ação comum de dominação praticada há milênios, porém não necessariamente é uma atividade de simples execução e clara percepção das vítimas e mesmo da comunidade internacional. Em contextos de conflitos armados são comuns os exemplos de imposição cultural por meio de extrema violência e ameaças. A Limpeza Cultural também é uma prática comum nessas circunstâncias, contudo, pouco comentada pela mídia (BAKER *et al*, 2010). São inúmeros os exemplos de realidades culturais-religiosas que utilizam a Limpeza Cultural como uma arma de guerra, a fim de afirmar seu poder e superioridade diante de outras culturas em ambientes de guerra (ISAKHAN, ZARADONA, 2017).

Com a retomada das Cidades Históricas de Palmira e Hatra, na Síria e no Iraque, que estavam sob o domínio do Estado Islâmico, a necessidade da preservação do patrimônio cultural é um tema que ganhou grande destaque nos últimos anos. A destruição do patrimônio cultural tem características e funções diferentes da destruição de moradias, centros comerciais e administrativos. A intenção de quem destrói é, acima de tudo, tentar apagar a memória de um povo para facilitar a imposição de uma cultura diferente. Para a Diretora-Geral da UNESCO, Irina Bokova, “a destruição da cultura se tornou um instrumento de terror, em uma estratégia global para enfraquecer sociedades, propagar a intolerância e apagar memórias” (BOKOVA, 2016).

Por meio de uma sistemática e literal Limpeza Cultural, grupos ultrarradicais sunitas veem agindo no Oriente Médio e em alguns países africanos com o intuito de estabelecer uma supremacia ideológica (BURKE, 2014). A expansão de ideologias

salafistas entre os jovens tem grande destaque na mídia, sendo uma das causas predominantes das jihads, ou guerras santas (CHEREM, 2010).

A história é marcada por situações em que a Limpeza Cultural fez-se presente. A destruição dos templos de Meca por Maomé no prelúdio da religião islâmica é um exemplo, onde a intenção era acabar com as religiões politeístas da época. Assim como no século XVIII, Muhammad ibn Abd al-Wahhab – considerado pai do wahhabismo -, pregou a destruição dos templos religiosos, como tumbas e antigas mesquitas, para evitar a adoração material comum na época, alegando a corrupção dos principais ensinamentos muçulmanos que, então, havia se tornado similar à adoração cristã por santos e locais sagrados. O wahabismo é uma ideologia minoritária e ultraradical que prega uma versão supostamente pura do Islã, inspirada nos tempos do profeta Maomé. Os wahhabistas (maioria na Arábia Saudita) protagonizaram, ao longo dos séculos XIX e XX, a destruição de diversos locais sagrados, seguindo os ensinamentos de Abd al-Wahhab (BERANEK, 2008).

Outro emblemático exemplo de Limpeza Cultural ocorreu em 2001, quando os Budas de Bamiyan foram intencionalmente destruídos após a decisão do grupo tribal Talibã, formado por diversas tribos afegãs, declarar o patrimônio como a representação de falsos ídolos. Essa destruição além de ter um caráter midiático, teve como objetivo eliminar qualquer resquício de símbolos religiosos na região para que a disseminação do salafismo não sofresse nenhum impacto. Os Budas eram ícones das trocas culturais promovidas entre o extremo oriente e o restante do mundo, através da Rota da Seda. Um com 55 metros e o outro com 38 metros de altura, foram construídos no século VI e eram as mais altas representações de Buda em pé. Entre os séculos II e IX, Bamiyan era um expoente centro da arte greco-budista. Em de março de 2001, a destruição das estátuas foi televisionada, pela rede All-Jazeera, em uma tentativa do grupo Talibã de afirmar para todo o mundo o seu poder (GOODY, 2003).

No conflito entre Iugoslávia e Bósnia, travado entre 1992 e 1995, diversos monumentos Otomanos foram destruídos, em um contexto de eliminação de referências e diversidade cultural. O conflito, que gerou uma das maiores limpezas étnicas – também um dos maiores genocídios - do século XX, foi marcado pela

destruição de referências culturais afim de facilitar a perda da identidade cultural otomana e demarcação territorial (TRINDADE, 2013).

Condenado a nove anos de prisão, Ahmad al-Faqi al-Mahdi foi a primeira pessoa a ser julgada por um crime de guerra por destruição ao patrimônio cultural. Membro do grupo extremista islâmico Ansar Dine, atuante no norte do Mali e aliado a Al Qaeda, o Tribunal Penal Internacional considerou Ahmad culpado pela destruição de santuários religiosos na cidade histórica de Timbuktu. Os santuários faziam parte do patrimônio cultural de Mali, com construções erguidas há seis séculos, e sofreram diversos danos durante o conflito com o grupo terrorista e as comunidades locais em 2012. A fé na região é baseada em um sincretismo entre os preceitos muçulmanos e os preceitos ancestrais de sábios tuaregues, também chamados de santos. Timbuktu é conhecida como a cidade dos 333 santos, sendo um local de adoração e centro de peregrinação. O grupo extremista, ao ocupar a região, causou enormes danos ao patrimônio cultural como uma forma de inibir à adoração aos santos e impor a sharia à população local. A atuação do Tribunal Penal Internacional, com sede em Haia, ocorreu de maneira independente e subsidiária a atuação judicial dos Estados-parte, julgando acusados de crimes de genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra. A condenação de Ahmad marcou a aceitação da comunidade internacional da Limpeza Cultural como crime de guerra (COUR PÉNALE INTERNATIONALE, 2016).

Atualmente, o Estado Islâmico vem protagonizando uma série de ataques aos patrimônios localizados no Iraque e na Síria. Por meio de uma sistemática destruição do patrimônio cultural, juntamente com a imposição da sharia, o grupo extremista islâmico dominou diversas regiões. A sharia essencialmente é a lei islâmica, que é interpretada de distintas maneiras por diversos grupos religiosos e muitas vezes as interpretações seguem um viés extremista. Por meio da imposição da sharia e da destruição do patrimônio, os grupos ultrarradicais buscam eliminar qualquer manifestação cultural distinta da promovida por eles (NASR, 2007).

A atuação do Estado Islâmico na região do Iraque e da Síria é marcada pela instituição do Califado de Abu Bakr Al-Baghdad, em 29 de julho de 2014. O grupo ultrarradical surgiu em 2006 com o nome Estado Islâmico do Iraque, por meio da união de grupos radicais sunitas (FUJI, 2015) . A conquista dos territórios se deu por

uma conjuntura de fatores que possibilitou a rápida ascensão do grupo. Após a queda de um regime autoritário que vigorou por décadas, as sucessivas guerras e a ocupação de tropas dos Estados Unidos no Iraque, o grupo se consolidou em um país enfraquecido, sem centralização e autoridade política. Já a ocupação da Síria se deu em um contexto marcado pelas revoltas civis ocorridas a partir da Primavera Árabe e no início da guerra civil, em 2011. Primavera Árabe foi um movimento que surgiu na Tunísia em dezembro de 2010.

O movimento começou com manifestações pacíficas que defendiam pautas variadas, com destaque para as reivindicações com caráter socioeconômico e as que giravam em torno de reformas democráticas. Em pouco tempo, a pauta predominante dos manifestantes passou a ser o fim do regime Assad, independentemente do que cada grupo defendia para um eventual período pós-Assad. Filho de Hafez al-Assad, o presidente Bashar al-Assad mantém um governo autoritário desde que subiu ao poder em 2000, apesar de breves sinais de liberalização do regime que o mesmo emitiu no início (FUJI, 2015)

Como consequência da guerra civil o território Sírio ficou fragmentado e as fronteiras foram enfraquecidas. Assim, o EI se aliou à grupos rebeldes Sírios e conseguiu conquistar diversos territórios no país.

A região de atuação do EI é considerada o berço da civilização, também conhecida como Mesopotâmia, onde foram identificados os remanescentes arqueológicos das primeiras cidades do mundo, há cerca de 6 mil anos (OPPENHEIM, 1977). Somente na síria já foram identificados cerca de 12.000 sítios arqueológicos. Com a ocupação do grupo extremista, a preservação e proteção dos sítios tornou-se extremamente complicada. Diversos arqueólogos e membros de organizações de apoio à causa tiveram que se retirar da região.

Em maio de 2015, o EI iniciou uma grande onda de destruições ao tomar a antiga cidade de Palmira. Localizada em um oásis a cerca de 200 km de Damasco, foi um dos principais locais de encontro de caravanas na Rota da Seda. Com construções datadas de 3.000 a.C., a cidade representa uma das maiores riquezas da história da síria, e tem grande importância na construção identitária desse povo.

Após um ano da ocupação de Palmira pelo EI e o do assassinato do arqueólogo responsável pela preservação do patrimônio Sírio, Khaled Asaad,

decapitado e pendurado nas ruínas do sítio, o exército sírio com a poio da Rússia e do Irã retomou o controle da região (THE GUARDIAN, 2015). Com boa parte dos monumentos destruídos, o vandalismo de Palmira é também considerado um crime de guerra pela UNESCO (UNESCO, 2017).

Dentre outras perdas recentes encontra-se o sítio arqueológico de Hatra, com construções de até 2.000 mil anos, a cidade histórica foi a capital do primeiro reino Árabe. Localizada no Iraque, considerada patrimônio mundial desde 1985, a cidade histórica é famosa por ter resistido a invasões romanas e também pelo seu grau de preservação de suas ruínas (WHC, 1985). Em 2015, um vídeo foi disponibilizado pelo grupo ultraradical contendo o momento da destruição. Nele membros do EI utilizavam martelos e picaretas para danificar o patrimônio (THE GUARDIAN, 2045)

O Museu de Mossul e a Biblioteca Central de Mossul tiveram o mesmo destino, e diversas obras e manuscritos datados de até 7.000 a.C. foram destruídos e/ou postos à venda no mercado negro de obras de arte e peças arqueológicas (THE GUARDIAN, 2015). Próximo à província de Nínive, no Iraque, a cidade é a segunda maior e possuía um grande acervo de obras assírias. A cidade de Nimrud, a cerca de 30 km de Mossul, também não foi poupada. Em uma das cidades mais preservadas do Império Assírio, o grupo utilizou veículos militares e escavadeiras para apagar e demolir as construções erguidas no século XIII a.C. Mossul é considerado um dos últimos redutos do EI e atualmente é o maior palco da batalha contra o grupo extremista Salafista (SINGER, 2015). A primeira capital do império Assírio, Assur, localizada ao norte de Bagdá e à beira do Rio Tigre, também foi bombardeada e destruída (CARREIRA, 2008).

Além dos monumentos e peças históricas, costumes e tradições únicos – denominados patrimônios imateriais - também foram completamente destruídos. Na cidade histórica de Aleppo, a Liturgia Cristã-Ortodoxa Síria, é uma tradição levada por cerca de 2.000 anos por poucos religiosos da cidade, contudo muitos foram mortos pelos membros do EI (OCN, 2015).

Com novas imagens da destruição de Palmira, foi retomado o debate em torno do conceito de Limpeza Cultural como uma ferramenta ou arma de guerra. Esse termo ganhou grande destaque em 2013, quando citado pela Diretora Geral da

UNESCO (Organização das nações unidas para Educação, Ciência e Cultura), Irina Bokova, à época das destruições massivas de monumentos históricos e arqueológicos na Síria e Iraque, provocados por grupos ultrarradicais que deram origem ao EI.

Sendo uma estratégia bélica característica do século XXI, a Limpeza Cultural é promovida por grupos extremistas e terroristas (como o Boko Haram, Al Qaeda e o já citado EI) (PALADINI, 2015; (ISAKHAN, ZARADONA, 2017) em um contexto de Limpeza Étnica, onde, principalmente, através da utilização dos diversos meios de comunicação é possível manipular a concepção de um povo ou ideia, moderando interpretações, (gerando/ reproduzindo) intolerâncias, transmitindo e perpetuando preconceitos para as grandes massas. Os veículos de comunicação fazem parte dos inúmeros aparelhos utilizados para implementação de ideologias.

A ideologia constitui a operacionalidade da cultura, agindo diretamente na construção do indivíduo como sujeito social ao mesmo tempo em que é construída pela relação social dos indivíduos (ABREU, 2011). A ideia de pertencimento do indivíduo em um grupo se manifesta e se mantém através de costumes, padronizando determinadas características e se expressando de forma clara, onde a diferenciação dos demais grupos é visível.

Os denominados patrimônios culturais são escolhidos de acordo com o valor atribuído pelo homem e criado por ele, mantido por meio de tradições. Dentro dessa definição englobamos criações materiais e imateriais, que detém um valor excepcional, ou seja, um testemunho único de intercambio de influencias, ao mesmo tempo em que detém elementos relevantes característicos de um povo. Este deve possuir um destaque arqueológico, etnográfico, bibliográfico, artístico e/ou paisagístico, considerados elementos identitários, como monumentos, ferramentas, templos, artesanato, culinária, dança e música, entre outros (WHC, 1972).

A memória de um povo depende de seus bens-culturais, pois através destes podemos fazer uma densa construção histórica identificando os mais diversos elementos apropriados pelas comunidades. Por meio da análise e preservação dos patrimônios é possível compreender as estruturas culturais e sociais de um povo e suas matrizes primordiais. Por meio da tradição de uma sociedade entendemos sua

estrutura social e econômica, modo de vida de uma determinada comunidade, modos de produção, sua diversidade social e linguística.

Com início da onda de destruição aos patrimônios culturais localizados na Síria e no Iraque, pelo o grupo terrorista conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EILL) ou Daesh, com o intuito de implantar suas ideologias por meio de uma Limpeza Cultural e financiar suas atividades por meio da venda de bens culturais foi deliberada pelo Conselho de Segurança da ONU no dia 12 de fevereiro de 2015, a Resolução 2199 que busca coibir as fontes de financiamento do Daesh, da Frente al-Nusra, e de todos os grupos ultrarradicais e associados a Al-Qaeda, que vem agindo no Oriente Médio (BRASIL, 2015).

A Resolução 2199, além de condenar e prevenir o comércio ilegal dos bens culturais do Iraque e da Síria pelos grupos terroristas, prevê medidas a serem adotadas pelos Estados-membros, como impedir o comércio dos bens culturais retirados ilegalmente do Iraque a partir de agosto de 1990 e na Síria a partir de 2011, e a prevenção a sequestros de reféns e a proibição de resgates pagos e com concessões políticas (BRASIL, 2015).

Em 2017, o Conselho de Segurança da ONU também deliberou a resolução 2347, que tem como foco exclusivo a proteção e preservação do Patrimônio cultural. De maneira inédita, a Resolução condena qualquer ato de terrorismo e afirma a necessidade de uma cooperação internacional na luta contra o comércio ilegal de bens culturais. A Resolução reconhece a destruição de patrimônios dedicados a religião, educação, arte, ciência ou fins de caridade em um “crime de guerra”. Assim, todos os Estados-membros tem como responsabilidade identificar e proteger seus bens culturais por meio da introdução de suportes legislativos nacionais, assim como auxiliar outros Estados-membros e motivar a ratificação por aqueles que ainda não aderiram a Convenção de Haia para Conflitos Armados de 1954 (UNESCO/BRASIL, 2017)

A evolução nos mecanismos de proteção aos patrimônios culturais, no decorrer dos anos, se deu em grande medida pelos seus contextos históricos. Atualmente, as resoluções deliberadas pelo Conselho de Segurança da ONU também buscam atender as novas demandas impulsionadas pelos conflitos

localizados na região onde se concentra os resquícios das primeiras civilizações. Os conceitos e a importância atribuída a preservação dos patrimônios culturais foi sendo modificado e se adaptando as necessidades específicas de cada época, até ser estruturada da maneira que conhecemos hoje (UNESCO/BRASIL, 2017).

Com as grandes transformações da sociedade moderna que sucederam a Revolução Francesa e a Revolução Industrial no final do século XVIII e início do XIX, cresceram os ideais nacionalistas, logo, a preocupação com conservação dos patrimônios histórico-culturais (MOURA, 2012), sendo utilizados como “símbolo de grandeza e de raízes que os diferenciavam dos demais” (MENEZES, 2010). Nesse contexto e de maneira pioneira, foram idealizadas ao final do século XIX novas medidas para a proteção e preservação dos patrimônios culturais, como a Declaração de Bruxelas em 1874 e a Convenção de Haia de 1899, que recomendavam, em tempos de guerra, o cuidado com locais de importância religiosa, histórica e artística para um povo (TRINDADE, 2013). A insurreição das Grandes Guerras Mundiais enfatizou a necessidade do debate em torno da preservação dos patrimônios culturais. Mesmo com a existência de um conjunto de regras que previam a proteção dos bens culturais, o conceito de “bem cultural” ainda não existia em nenhum tratado no Direito Internacional (TRINDADE, 2013).

Com o desenvolvimento da tecnologia bélica, assim como “as ações destrutivas do meio ambiente, o crescimento desordenado das cidades e uma noção de progresso que desconsidera valores sociais desprovidos de qualquer conteúdo econômico”, novos valores foram introduzidos em torno da questão ambiental (SILVA, 2003). Dentre as medidas concebidas no contexto pós-guerra, foi assinado por 37 países o Ato Constitutivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1945, trazendo como um de seus pressupostos a preservação e conservação de monumentos históricos.

Assim, posteriormente a uma série de recomendações, o diretor-geral da UNESCO reuniu especialistas em direito internacional para elaboração de um projeto que mais tarde daria origem a Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado (Convenção de Haia de 1954). Resultado de um trabalho iniciado em 1949, na Conferência Geral das Nações Unidas, quando especialistas em direito internacional e representantes do Conselho Internacional de

Museus (ICOM) começaram a ser consultados para sua possível elaboração (BO, 2003), após pouco mais de 4 anos de preparo, foi realizada uma Conferência em Haia, Holanda, em 1954, com a participação de representantes de 56 países. Até hoje a Convenção é a principal medida de preservação do patrimônio cultural em casos de conflitos armados (BO, 2003). Sua principal característica é a definição e organização de conceitos como a de Bem Cultural - antes inexistente no âmbito das convenções internacionais - , presente em seu art. 1º ¹. Em resumo, os bens culturais são definidos como móveis ou imóveis com grande valor artístico, histórico, religioso ou laico, podendo ser monumentos históricos, sítios arqueológicos, obras de arte, livros, entre outros.

A aplicação da Convenção de Haia extrapola o âmbito dos conflitos internacionais, que de fato se apresenta como foco precípua da Convenção. Contudo, a partir do exposto no art. 19º ², sua aplicação é passível também em contextos de conflitos nacionais.

A Convenção de Haia atribuí a responsabilidade da preservação dos bens culturais a todas as partes envolvidas no conflito, como vê-se no art. 4º ³, assim, todas as Altas Partes participantes da Convenção estão sujeitas a zelar pelos os bens culturais, do próprio país e do país ocupado, impedindo qualquer destruição e utilização dos bens para qualquer fim que ameace a sua integridade.

¹ Os bens, móveis ou imóveis, que apresentem uma grande importância para o patrimônio cultural dos povos, tais como os monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as coleções científicas e as importantes coleções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos;

² A) - Em caso de conflito armado que não apresente um caráter internacional e surja no território de uma Alta Parte Contratante, cada uma das Partes no conflito deverá aplicar pelo menos as disposições da presente Convenção que obrigam ao respeito dos bens culturais.

B) - As Partes no conflito procederão no sentido de pôr em vigor, por via de acordos especiais, todas (ou parte) das outras disposições da presente Convenção.

C) A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura podem oferecer os seus serviços às Partes em conflito.

D) A aplicação das disposições precedentes não produzirá efeitos sobre o estatuto jurídico das Partes em conflito.

³ As Altas Partes Contratantes comprometem-se a respeitar os bens culturais situados quer no seu próprio território quer no território das outras Altas Partes Contratantes, não se permitindo a utilização desses bens, dos seus dispositivos de proteção e dos acessos imediatos para fins que poderiam expor esses bens a uma possível destruição ou deterioração em caso de conflito armado, devendo também abster-se de qualquer ato de hostilidade em relação a esses bens.

No que se diz respeito a precauções em tempo de paz, a convenção dispõe do art. 3⁴ onde as partes se comprometem a adotar medidas preventivas de salvaguarda ao patrimônio cultural contra os efeitos previsíveis de um conflito armado. O emprego de forças militares especializadas na preservação do patrimônio cultural, art. 7⁵, também fica a encargo dos países envolvidos.

Em 1999, foi adicionado o Segundo Protocolo da Convenção de Haia para a Proteção de Propriedade Cultural em caso de Conflito Armado, nele foi criado o Comitê Intergovernamental para a Proteção da Propriedade Cultural e foi reconhecido o Comitê Internacional do Escudo Azul, que tem como membros o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o Conselho Internacional de Sítios e Museus (ICOMOS) e o Conselho Internacional de Arquivos e a Federação Internacional de Bibliotecas (RODRIGUES, AGUIAR, 2002).

O Segundo Protocolo foi adicionado a convenção após um pedido de revisão feito pelos Países Baixos, após a efetividade da Convenção de Haia de 1954 ser objeto de preocupação, com a irrupção da Guerra do Golfo e a guerra da antiga Iugoslávia (HENCKAERTS, 1999). Sua principal característica é a aplicação de todas as determinações da convenção a conflitos armados não internacionais, assim como a responsabilização individual de sujeito que cometam atos como o roubo ou apropriação indevida de bens culturais (TRINDADE, 2013).

Com reconhecimento pelas as nações envolvidas na preservação do patrimônio cultural sobre a importância do intercâmbio dos bens culturais com fins educativos, científicos e culturais, em 1970, foi realizada pela UNESCO a Convenção Relativa às Medidas a Serem Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência de Propriedades Ilícitas dos Bens Culturais,

⁴ As Altas Partes Contratantes comprometem-se a preparar, em tempo de paz, a salvaguarda dos bens culturais situados no seu próprio território contra os efeitos previsíveis de um conflito armado, tomando as medidas que considerem apropriadas.

⁵ A) As Altas Partes Contratantes comprometem-se a introduzir em tempo de paz nos regulamentos ou instituições destinadas à utilização pelas suas tropas disposições próprias para assegurar a observação da presente Convenção. Comprometem-se ainda a inculcar ao pessoal das suas forças armadas em tempo de paz um espírito de respeito pelas culturas e pelos bens culturais de todos os povos.

B) As Partes comprometem-se a preparar ou a estabelecer, desde o tempo de paz, no seio das suas forças armadas, serviços ou um pessoal especializado cuja missão será velar pelo respeito dos bens culturais e colaborar com as autoridades civis encarregadas da salvaguarda desses bens.

sendo ratificada por 95 países. Sua principal finalidade é a cooperação internacional com o intuito de prevenir as pilhagens dos bens culturais, assim como escavações clandestinas e as exportações ilícitas (BROLLO, 2006), no qual os países em desenvolvimento estão entre os principais alvos (RODRIGUES, AGUIAR, 2002).

A Convenção de 1970, também reforça aos Estados parte a importância da identificação e proteção de seus bens culturais para a constituição de um povo. O conceito de Bem Cultural é apresentado de maneira mais específica, contemplando inclusive objetos raros da zoologia, botânica, mineralogia e anatomia em seu art. 1⁶

Em seu art. 7⁷, a Convenção enfatiza a participação dos Estados-Parte no combate a importação e exportações ilegais de bens culturais presentes em seu território que pertençam a outros Estados-Parte. Para tal, todos os Estados envolvidos se comprometem, por meio da educação, informação e vigilância, a criar uma consciência pública em torno da importância dos bens culturais, como meio de prevenir futuras danificações⁸.

⁶ Para os fins da presente Convenção, a expressão "bens culturais" significa quaisquer bens que, por motivos religiosos ou profanos, tenham sido expressamente designados por cada Estado como de importância para a arqueologia, a pré-história, a história, a literatura, a arte ou a ciência e que pertençam às seguintes categorias: a) as coleções e exemplares raros de zoologia, botânica, mineralogia e anatomia, e objetos de interesse paleontológico; b) os bens relacionados com a história, inclusive a história da ciência e da tecnologia, com a história militar e social, com a vida dos grandes estadistas, pensadores, cientistas e artistas nacionais e com os acontecimentos de importância nacional; c) o produto de escavações arqueológicas (tanto as autoridades quanto as clandestinas) ou de descobertas arqueológicas; d) elementos procedentes do desmembramento de monumentos artísticos ou históricos e de lugares interesse arqueológicos; e) antiguidades de mais de cem anos, tais como inscrições, moedas e selos gravados; f) objetos de interesse etnológico; g) os bens de interesse artísticos, tais como: (i) quadros, pinturas e desenhos feitos inteiramente a mão sobre qualquer suporte e em qualquer material (com exclusão dos desenhos industriais e dos artigos manufaturados a mão); (ii) produções originais de arte estatutuária e de cultura em qualquer material; (iii) gravuras, estampas e litografias originais; (iv) conjuntos e montagens artísticas em qualquer material; h) manuscritos raros e incunábulo, livros, documentos e publicações antigos de interesse especial (histórico, artístico, científico, literário etc.), isolados ou em coleções; i) selos postais, fiscais ou análogos, isolados ou em coleções; j) arquivos, inclusive os fonográficos, fotográficos e cinematográficos; k) peças de mobília de mais de cem anos e instrumentos musicais antigos.

⁷ a) tomar as medidas necessárias, em conformidade com a legislação nacional, para impedir que museus e outras instituições similares situadas em seu território adquiram bens culturais, procedentes de outro Estado-Parte, que tenham sido ilegalmente exportados após a entrada em vigor da presente Convenção para os Estados em questão; informar, sempre que possível, um Estado-Parte na presente Convenção sobre alguma oferta de bens culturais ilegalmente removidos daquele Estado após a entrada em vigor da presente Convenção para ambos os estados;

⁸ Art. 10: a) restituir, através da educação, informação e vigilância, a circulação de qualquer bem cultural removido ilegalmente de qualquer Estado-Parte na presente Convenção, e, na forma apropriada para cada país, obrigar os antiquários, sob pena de sofrerem sanções penais ou administrativas, o nome e o endereço do fornecedor, a descrição e o preço de cada bem vendido,

O crescimento das preocupações relativas ao meio ambiente e as constantes modificações na vida econômica e social, assim como as variações climáticas e as degradações naturais (RODRIGUES, AGUIAR, 2002), levou a realização da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em 1972, visando garantir a proteção de obras e áreas de interesse cultural e natural para a humanidade. O objetivo principal da convenção é garantir a diversidade das expressões culturais, assim como garantir a sua proteção e promoção (ABREU, 2016). Uma das suas características estruturantes é a distinção entre os patrimônios naturais (monumentos naturais, formações geológicas e fisiográficas e sítios naturais) e culturais (monumentos, conjuntos e sítios).

Novas determinações foram lançadas pela Convenção de 1972, como a divisão de bens culturais em três categorias: cultural, natural e mistos. Muitos bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial se enquadram na categoria de patrimônios mistos por atenderem ambas as categorias concomitantemente. O termo Paisagem Cultural ainda não era utilizado, sendo adotado apenas em 1992, e em seu art. 2^o a convenção esclarece como patrimônio natural as formações físicas e biológicas de grande valor estético ou científico.

Os Estados-parte que aderiram a Convenção se comprometem a identificar seus patrimônios, assim como delimitar e adotar medidas de integração dos patrimônios culturais e naturais a vida coletiva de sua população e à programas de planejamento, e dessa forma, proporcionar meios educacionais que permitam a criação de uma consciência cultural. A Convenção inova ao ser a primeira a utilizar o termo Patrimônio cultural para definir e melhor conceituar os bens culturais. Assim, o termo se limita a bens com valor excepcional, delimitados pelo próprio país de

assim como a informar ao comprador de um bem cultural da proibição de exportação à qual possa estar sujeito tal bem; b) esforçar-se, por meios educacionais, para incutir e desenvolver na mentalidade pública a consciência do valor dos bens culturais e da ameaça que representam para o patrimônio cultural o roubo, as escavações clandestinas e a exportação ilícita.

⁹ Para os fins da presente Convenção, são considerados "patrimônio natural": - os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por conjuntos de formações de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; - as formações geológicas e fisiografias, e as zonas estritamente delimitadas que constituam habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico, - os sítios naturais ou as áreas naturais estritamente delimitadas detentoras de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.

origem e pela UNESCO. No mesmo ano, foi criada a Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO, para aqueles patrimônios que possuem valor inestimável para a humanidade.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, para entender a aplicação de Limpeza Cultural, como arma de guerra foi necessário compreender conceitos básicos, como os de patrimônio cultural, material e imaterial, e de patrimônio natural. Para tal, foram utilizadas as Convenções da UNESCO e a evolução desses conceitos. Também foi empregada a Convenção de Haia de 1954 e as elucidações encontradas no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Convenções da UNESCO

- Convenção relativa às medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais (1970)
- Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural (1972)
- Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (2003)
- Convenção de Haia
- Convenção para a proteção de bens culturais em caso de conflito armado (1954)

As Convenções da UNESCO analisadas tiveram sua seleção baseada na relevância para a proteção dos patrimônios culturais em contextos de conflitos armados. Ainda na análise das Convenções, foi feito um levantamento das principais medidas presente em cada uma delas que, possivelmente, contribuiriam para a salvaguarda do patrimônio cultural no âmbito da sistemática destruição promovida pelos grupos terroristas, e posteriormente, foi produzido um artigo denominado “Instrumentos para Preservação do Patrimônio cultural da Humanidade em Contexto de Conflitos Armados”.

Muitos dos ataques promovidos pelos grupos terroristas ocorreram paralelamente ao período de desenvolvimento do projeto, assim, considerando as diferentes perspectivas dos veículos de informação, foram produzidos resumos, entre novembro de 2016 e março de 2017, sobre as principais notícias referentes a destruição dos patrimônios culturais na Síria (Palmira, Aleppo, Antigas vilas do norte da Síria, Damasco) e no Iraque (Ninrud, Hatra, Mossoul), com o intuito de acompanhar a movimentação do Estado Islâmico, também conhecido como Daesh, e os danos aos patrimônios culturais.

Veículos de informação utilizados:

- Al-Monitor
- Ansa
- BBC
- CBS
- Daily Mail
- Defender
- Diário de Notícias
- El País
- Following Hadrian
- Ill Fatto Storico
- Internacional Business Times
- Live Science
- NPR
- Nações Unidas no Brasil
- Orthodox Christian Network
- Phys.org
- Reuters
- Salon
- Smithsonian
- Sputnik News
- The Art Newspaper
- The Cristian Science Monitor
- The Daily Star
- The Economist
- The Getty Research Institute
- The Guardian
- The Independent
- The National
- The New York Times
- The Oriental Institute
- The Washington Post
- Travel and Leisure
- UNESCO
- UNESCO/BRASIL
- Yahoo! News

Foi produzido um artigo, denominado “A destruição da cultura como arma de guerra utilizada pelo Estado Islâmico”, onde consta exemplos da aplicação da Limpeza Cultural em outros períodos da história, assim como um resumo sobre a situação atual dos patrimônios da Síria e do Iraque e a condenação de Ahmad al-Faqi al-Mahdi, primeira pessoa condenada por um “crime de guerra” relacionado a destruição ao patrimônio cultural.

RESULTADOS

Par a realização da presente pesquisa realizamos as análises de reportagens e de artigos científicos, que elucidaram os objetivos e a intencionalidade da prática da destruição do Patrimônio cultural pelo EI na região do Iraque e Síria. Vale ressaltar que o objeto da pesquisa corresponde a ainda um conceito em construção, inclusive em âmbito internacional, e de um evento ainda em acontecimento. Os resultados expressos são frutos de análises de poucos artigos analíticos sobre o evento ainda atual, que é a ocupação do EI no Iraque e Síria, e, portanto, grande parte da fonte pesquisada corresponde à reportagens de jornais e revistas. A pesquisa contribuiu para o entendimento da utilização de uma reconhecida arma de guerra que tem como principal objetivo a imposição de uma ideologia por meio da destruição do patrimônio cultural, e conseqüentemente do processo de fragilização da identidade de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (CONCLUSÃO)

A preservação do patrimônio cultural em zonas de conflitos armados é um tema delicado e denso. O termo Limpeza Cultural está diretamente ligado a essa problemática, uma vez que se entende seu significado como a tentativa de eliminar uma determinada cultura por meio de seus bens culturais, materiais e imateriais. A Limpeza Cultural em toda a sua agressividade é uma forma eficaz de dominação, em que seus efeitos são perpetuados através do tempo. A continuidade de uma

deliberada cultura apoia-se na fixação de suas especificações e assim, tendo em vista a destruição de seus aparelhos de representação, a existência dessa herança cultural torna-se improvável. O principal intuito dos destruidores do patrimônio cultural é criar uma espécie de ano zero para que não possuindo mais memória identitária, as comunidades possam aderir com maior facilidade as novas ideias difundidas pelos grupos fundamentalistas.

O principal resultado dessa pesquisa baseia-se no entendimento do conceito e na percepção da sua possível utilização para casos de Limpeza Cultural não inseridos em contextos de guerras declaradas. A Limpeza Cultural é uma ferramenta que é largamente utilizada em conflitos armados, mesmo em proporções pequenas, como os casos da destruição do patrimônio africano, afrodescendente e indígena no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carolina de. Documento técnico contendo conteúdos levantadas e sistematizados sobre experiências brasileiras e latino-americanas no campo do tratamento da paisagem cultural e de parques históricos-culturais que possam se constituir em subsídios para o 'Valorização da Paisagem Cultural e do Parque Histórico Nacional das Missões Jesuíticas dos Guaranis'. 2016.

ABREU, Carolina de. Pintura rupestre pré-histórica geométrica no Parque Nacional Serra das Confusões: análise preliminar. 2011. Dissertação (mestrado em Quaternaire et Prehistoire) – Muséum National d'Histoire Naturelle.

BAKER, Raymond W., Tareq Y. Ismael; ISMAEL, Shereen T.. Cultural cleansing in iraq: why museums were looted, libraries burned and academics murdered. Chicago: Pluto Press, 2010. 312 p.

BERANEK, ONDREJ, He Sword and the Book: Implications of the Intertwining of the Saudi Ruling Family and the Religious Establishment.. Middle East Brief,, Massachusetts, n. 28, p. 1-7, abr. 2008.

BO, João Batista Lanari. Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em http://www4.unirio.br/museologia/textos/protecao_patrimonio_na_unesco.pdf

BOKOVA, Irina. UNESCO. Conselho de segurança da onu adota resolução histórica para a proteção do patrimônio. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/un_security_council_adopts_historic_resolution_for_the_prote-3/> Acesso em: 30 mar. 2017.

BRASIL. Decreto nº 8.526, de 28 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8526.htm>. Acesso em: 09 set. 2016.

BROLLO, S. R. S. Tutela jurídica do meio ambiente cultural: proteção contra a exportação ilícita dos bens culturais materiais. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Passos de Freitas, MG, 2006.

BURKE, Jason (2004), Al-Qaeda - A História do Islamismo Radical, Lisboa, Quetzal.

CARREIRA, José Nunes. O Rei e os deuses nos anais Assírios. Didaskalia, Lisboa, v. 2, n. XXXVIII, p. 77-93, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8708/1/V03802-077-093.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

CHEREM, Youssef. Jihad: duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico. Campos (UFPR), v. 10, p. 83-99, 2010. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/campos/article/download/17045/13423> >Acesso em: 15 jan. 2017.

COUR PÉNALE INTERNATIONALE. Situation in the Republic Of Mali in the case of the prosecutor v. Ahmad Al Faqi Al Mahdi. Disponível em: https://www.icc-cpi.int/courtrecords/cr2016_07244.pdf >Acesso em: 06 jan. 2017.

FUJII, William. O ESTADO ISLÂMICO E O XADREZ GEOPOLÍTICO DOS CONFLITOS NA SÍRIA E NO IRAQUE. **III Semana de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos/SP, v. 1, n. 1, p. 1-31, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.semecip.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/12/William-Fujii.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GONÇALVES, J. R. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. I, n. 2, p. 264-275, 1988.

GOODY, Jack. *Islam in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HENCKAERTS, Jean-marie. Novas regras para a proteção de bens culturais em conflitos armados: a importância do segundo protocolo da Convenção de Haia de 1954 para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado. *International review of the red cro*, [S.L.], v. 835, set. 1999. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/novas-regras-para-protECAo-de-bens-culturais-em-conflitos-armados-importancia-do-segundo> >Acesso em: 07 mar. 2017.

IBAÑES, A. restaurador: "O povo sem memória é facilmente manipulado": depoimento. [10 de abril, 2016]. Rio de Janeiro: O GLOBO Entrevista concedida a Marcelo Corrêa.

ISAKHAN, Benjamin; ZARANDONA, Jose Antonio Gonzalez. Layers of religious and political iconoclasm under the islamic state: symbolic sectarianism and pre-monotheistic iconoclasm. *International journal of heritage studies*, Cidade, n.11, p. 1-16, mai. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13527258.2017.1325769> >Acesso em: 17 mai. 2017.

MARTINHO, H. Uma reflexão específica acerca do Meio Ambiente: patrimônio cultural edificado hoteleiro. *Âmbito Jurídico*, v. 159, p. 18810, 2017.

MENEZES, C. C. F. Cooperação internacional e patrimônio mundial. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. v. 2, n. 3, jul. 2010.

MOURA, Ângela A. G.. A proteção internacional do patrimônio cultural. Caderno de direito, Piracicaba, v. 12, p. 91-110, jul./dez. 2012.

NASR, Vali. The Shia Revival: how conflicts within Islam will shape the future. New York - London: W.W. Norton & Company, 2007. 320 p.

OPPENHEIM, LEO. Portrait of a dead civilization. 2 ed. Chicago - London: The University of Chicago Press, 1977. 494 p.

PALADINI, Rafaela Tamer. A NIGÉRIA E O BOKO HARAM. Séries Conflitos Internacionais, Marília/Sp, v. 1, n. 5, p. 1-5, out. 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-nigeria-e-o-boko-haram.pdf> >Acesso em: 03 fev. 2017.

RODRIGUES, Anna; AGUIAR, Cláudia Prates. A proteção dos bens culturais em caso de conflito armado: análise da intervenção armada no Iraque, 2002. Centro direito internacional, [S.L.]. Disponível em: <http://centrodireitointernacional.com.br/static/revistaeletronica/artigos/anna%20e%20clelia%20seguranca%20bens%20culturais.pdf> >Acesso em: 25 dez. 2016.

SILVA, F. F. As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade. São Paulo: Peirópolis/Edusp, 2003.

SINGER, Graciela Gestoso. ISIS's War on Cultural Heritage and Memor. Museodata, [S.L], p. 1-31, jun. 2015.

THE GUARDIAN. Isis fighters destroy ancient artefacts at Mosul Museum, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/feb/26/isis-fighters-destroy-ancient-artefacts-mosul-museum-iraq>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. Isis video confirms destruction at UNESCO World Heritage site in Hatra, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/apr/05/isis-video-confirms-destruction-at-unesco-world-heritage-site-on-hatra>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. Beheaded syrian scholar refused to lead isis to hidden Palmira antiquities, 2015. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2015/aug/18/isis-beheads-archaeologist-syria> >
Acesso em: 10 jan. 2017.

TRINDADE, Ivonei Souza. Caso Pavle Strugar: um estudo sobre a proteção de bens culturais em caso de conflito armado. Trabalho de conclusão de curso, Ciências Jurídicas e Sociais, Faculdade de Direito da PUCRS,, Rio Grande do Sul, jun./jul. 2013.

UNESCO. UNESCO director-general condemns destruction of the tetrapylon and severe damage to the theatre in Palmira, a UNESCO World Heritage site, 2017. Disponível em: <<http://en.unesco.org/news/unesco-director-general-condemns-destruction-tetrapylon-and-severe-damage-theatre-Palmira>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

UNESCO/BRASIL. Conselho de Segurança da ONU adota resolução histórica para a proteção do patrimônio, 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/un_security_council_adopts_historic_resolution_for_the_prote-3/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

WORLD HERITAGE CENTRE (WHC). Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural E Natural, 1972. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2016.

WORLD HERITAGE CENTRE. (WHC) Advisory body evaluation (ICOMOS), 1985. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/277> >Acesso em: 15 dez. 2016.

APÊNDICES

REPORTAGENS – RESUMOS E FICHAMENTOS NOVEMBRO DE 2016 À MARÇO DE 2017

Título: Nimrud: Iraqi forces 'retake ancient city from	
Jornal: BBC	Data da publicação: 13/11/2016
Resumo: Em março de 2015, as ações do EI em Nimrud foram condenadas por oficiais e historiadores, descrito pela ONU como um “crime de guerra”. Segundo o EI as estátuas representam “falsos ídolos”. Tropas da Nona Divisão Blindada libertaram completamente a cidade de Nimrud e levantaram a bandeira iraquiana acima dos edifícios após a perda de equipamentos e membros do grupo terrorista. Representantes e ativistas dos direitos humanos acusaram as forças militares iraquianas de demolirem casas de árabes sunitas em aproximadamente 20 aldeias e cidades que estavam anteriormente sob o poder do EI. Aparentemente, as casas teriam sido marcadas com um “X” antes de serem demolidas. O vice-ministro curdo afirmou que não ocorreram instruções aos militares para a destruição das casas, e que essas foram consequência dos bombardeios e conflitos anteriores a retomada.	
Link: http://www.bbc.com/news/world-middle-east-37966657	

Título: Inside the 3,000-year-old Assyrian city of Nimrud, destroyed by Isis	
Jornal: International Business Times	Data da publicação: 18/11/2016
Resumo: As fotos mostram o que restou da antiga cidade assíria de Nimrud, erguida a mais de 3.000 anos, que foi destruída pelo Daesh. O sítio se localiza a 30 km ao sul de Mossul, onde as tropas iraquianas lutam contra o EI pelo controle a quase dois anos. Nimrud foi a antiga capital do império assírio e se estendia até onde hoje é o Irã e a Turquia. Segundo o vice-ministro da cultura iraquiano, Qais Hussain Rasheed, recuperar o patrimônio foi um triunfo para o mundo todo. Escavado no século XIX pelo arqueólogo britânico Auste Layard, é muito conhecido também por inspirar romances de Agatha Christie, que trabalhou na região nos anos 50.	
Link: http://www.ibtimes.co.uk/inside-3000-year-old-assyrian-city-nimrud-destroyed-by-isis-1591721	

Título: Ancient Nimrud ziggurat bulldozed by Isis	
Jornal: The Art Newspaper	Data da publicação: 14/11/2016
Resumo: Uma das maiores e mais antigas construções da antiguidade, com aproximadamente 2,900 anos de idade, o Zigurate em Nimrud foi destruído. Pouco menor que as pirâmides do Egito e as pirâmides da América Central. Aparentemente, o zigurate foi arrastado/ empurrado ao leito do rio Tigre, disse o presidente do Instituto Britânico de Estudo no Iraque. O zigurate era uma colina de forma cônica construída pelos reis da antiga Assíria, Ashurnasipal II (883-859 a.C). Em 2015, o EI já havia destruído o palácio adjacente noroeste do rei Ashurnasipal II. Com o conflitos a 30km ao sul de Mossul, não se sabe o atual estado de conservação do patrimônio. A retomada de Nimrud pelo governo iraquiano tem como um dos seus principais objetivos impedir os saques dos locais danificados. Além disso, haverá uma análise junto a UNESCO para classificar cuidadosamente os escombros, visando o que pode ser reconstruído.	
Link: http://theartnewspaper.com/news/news/ancient-nimrud-ziggurat-bulldozed-by-isis-/?utm_source=The+Art+Newspaper+Newsletters&utm_medium=email&utm_campaign=a29b873911-EMAIL_CAMPAIGN_2016_11_14&utm_term=0_c459f924d0-a29b873911-60907441	

Título: Iraqi army recaptures ancient city of Nimrud from Isis	
Jornal: The Independent	Data da publicação: Novembro de 2016
Resumo: Pela primeira vez em dois anos as forças governamentais recuperaram a antiga cidade assíria de Nimrud. A aldeia de Numaniya também foi recuperada. Segundo o governo iraquiano o sítio arqueológico foi destruído ainda no ano passado, durante a campanha terrorista para livrar o território de símbolos pré-islâmicos. A antiga cidade de Palmira também passou por uma destruição semelhante depois de ser recuperada pelo EI em março	

desse ano.

Link: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-retreat-iraq-army-recapture-nimrud-mosul-offensive-a7414626.html>

Título: Islamic State is driven from ancient Nimrud, where destruction is 'worse than we thought'

Jornal: The Washington Post

Data da publicação: 16/11/2016

Resumo: O palácio do rei assírio Ashurnasirpal II havia se mantido erguido durante quase três milênios antes da destruição promovida pelo EI. O grupo terrorista quebrou estatuas e painéis de relevo de pedra. Durante o conflito gerado pela retomada da região pelos militares iraquianos, o zigurate foi destruído. A dimensão da destruição realizada pelo EI no sítio arqueológico foi maior do que esperado. A antiga cidade assíria estava em poder dos jihadistas a dois anos. Em 2015, diversas imagens e vídeos foram divulgados pelo EI mostrando a destruição do patrimônio, utilizando marretas, escavadeiras, barris explosivos entre outros meios. Só na medida em que os militares retomaram os locais de domínio do EI foi possível medir o tamanho dos estragos deixados pela destruição. Embora peritos ainda não tenham visitado o local, imagens fornecidas pelos militares iraquianos comprovaram a magnitude da destruição. Até o momento, as únicas informações baseavam-se em imagens de satélite, no qual os monumentos aparentavam estar menos danificados. Nos últimos cinco anos, guerras e conflitos políticos na Síria, Egito e em outros países da região levaram ao saque generalizado de sítios arqueológicos. Desde da pilhagem do museu do Iraque em 2003, com a invasão do país liderada pelos EUA, estudiosos vem lutando contra a perda dos bens culturais. Felizmente, algumas estatuas e esculturas de Nimrud encontram-se em exibição em Nova York, e outros tesouros locais como marfins e artefatos de ouro foram guardados com segurança nos cofres do Banco Central em Bagdá. Muitas partes do sítio ainda não haviam sido escavadas.

Link: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/islamic-state-is-driven-from-ancient-nimrud-where-destruction-is-worse-than-we-thought/2016/11/16/4884ca9a-ac1b-11e6-8f19-21a1c65d2043_story.html?tid=sm_tw_pw

Título: At Iraq's Nimrud, remnants of fabled city IS sought to destroy

Jornal: Yahoo! News

Data da publicação: 15/11/2016

Resumo: Com a conquista de Nimrud em 2014, o Estado Islâmico utilizou a destruição do sítio como forma de divulgação de suas ações. Um dos sítios arqueológicos mais ricos e completos da região, atualmente, após a retomada do governo iraquiano, resta apenas destruição. Uma zigurate, uma das mais altas erguidas e preservadas do mundo antigo (50 m), foi destruída. Segundo um morador local, a destruição foi de 100% e o que não foi destruído foi saqueado. Palmira e Hatra também foram palco da destruição do EI. Para os membros do grupo terrorista, as imagens representavam a idolatria a ídolos proibidos, apesar de usarem boa parte dos bens saqueados para financiar suas operações. Uma boa parte dos artefatos de Nimrud haviam sido transferidos para Mossul, Bagdá, Paris, Londres entre outros, antes da invasão pelo EI. Mas as famosas estátuas de Lamassu – touros alados com cabeças humanas – ainda estavam no local e foram destruídos.

Link: <https://www.yahoo.com/news/iraqs-nimrud-remnants-fabled-city-sought-destroy-152030186.html>

Título: The vandals of Isis: Nimrud warns us of a unique barbarism

Jornal: The Guardian

Data da publicação: 14/11/2016

Resumo: Após uma intensa batalha entre as forças militares iraquianas e membros do grupo terrorista Estado Islâmico, a libertação das ruínas de Nimrud da sequência a reconquista de Assad, como o que sobrou em Palmira no início do ano. Mesmo extremamente danificados, os artefatos estão aos poucos sendo recuperados da batalha travada entre o EI e a antiguidade. Nunca havia ocorrido uma guerra cultural tão sistemática quanto essa, o grupo terrorista promove o ódio a arte. A confissão de Ahmad al-Faqi al-Mahdi no Tribunal Penal Internacional voltado para a destruição de Timbuktu foi um importante marco contra esse tipo de guerra. Apesar da infinidade de conflitos na história, nunca houve um agressor “que tão especificamente e abertamente procurou destruir a arte e a antiguidade, e levou a cabo está política em lugares tão reverenciados”.

Link: <https://www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2016/nov/14/nimrud-isis->

[art-destruction](#)

Título: History in ruins: New pictures reveal how ISIS savages have reduced the ancient site of Nimrud to rubble

Jornal: Daily Mail

Data da publicação: 15/11/2016

Resumo: Retratos de Nimrud revelam o tamanho da destruição e a redução dos monumentos do sítio arqueológico. O zigurate foi reduzido a uma fração de sua altura, o palácio foi destruído e as estatuas foram quebradas. A cidade que foi fundada no século XIII, era a capital do império Assírio e foi retomada pelo governo iraquiano durante uma operação para reconquistar Mossul, a última cidade até então sob o domínio do Estado Islâmico. Nimrud havia sido invadido em 2014 pelo grupo terrorista.

Link: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3938630/History-ruins-New-pictures-reveal-ISIS-savages-reduced-ancient-site-Nimrud-rubble.html>

Título: Drones fly over ancient Nimrud to help secure Assyrian ruins

Jornal: Reuters

Data da publicação: 14/11/2016

Resumo: Uma operação com o objetivo de proteger os restos da cidade de Nimrud foi iniciada pelos soldados iraquianos. Não se sabe ao certo se algum artefato poderá ser resgatado devido à dificuldade de acesso a arqueólogos na região. Segundo um militar iraquiano, as tropas do governo estão com o controle da região, mas receberam instruções para serem extremamente cautelosos. Enquanto as aldeias estavam sendo verificadas drones desarmados sobrevoaram o local. O grupo islâmico ainda detém o domínio da cidade de Nínive, no centro de Mossul. Hatra se encontra próxima a zona de conflito, a cidade de 2.000 mil anos também foi invadida e danificada pelo EI em 2014. A UNESCO condenou a ação de destruição como um "crime de guerra" e considera a região da Mesopotâmia o "berço da civilização", onde surgiram os primeiros centros urbanos e a escrita cuneiforme. Há oito meses o EI foi expulso de Palmira, cidade histórica da Síria, depois de explodir diversos monumentos, dentre eles os imponentes arcos triunfais de Palmira. Segundo o chefe de antiguidades da Síria, uma grande parte da cidade poderá ser restaurada, mas as imagens divulgadas de Nimrud e um relatório do governo divulgado no ano passado sugerem uma devastação extensa.

Link: <http://uk.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-nimrud-idUKKBN1391P9>

Título: What Comes After Aleppo Falls?

Jornal: The New York Times

Data da publicação: 13/12/2016

Resumo: Segunda uma entrevista recente com o presidente sírio Bashar al-Assad, a retomada de Aleppo "não significa o fim da guerra na Síria, mas será um grande passo para esse fim". Com uma série de vitórias em conjunto com as forças russas e iranianas, os rebeldes e civis que escolherem se render serão salvos de bombas e fome, mas devem esperar outras calamidades. Em 2014, após centenas de jovens concordarem em se render a retomada da cidade velha de Homs, a região foi bombardeada e assolada pela fome. Foi prometido a muitos dos rebeldes a anistia, porém ao invés de liberdade foram recrutados pelo exército, esse que matou muitas de suas famílias, com uma única arma. A estratégia utilizada por Assad em Aleppo se mantém em isolar a região, forçando combatentes e civis a se renderem ou a partirem. Fontes afirmam que um grupo insurgente em Aleppo exigiu ajuda humanitária e permissão para que os civis permanecessem na região sob a proteção dos rebeldes, ambos pedidos negados. Em contraponto, foi permitido aos civis seguir os rebeldes ou se colocarem a mercê do governo, e aos combatentes a redenção ou a saída forçada. Os rebeldes poderiam ir para o leste de Aleppo, até então controlado por grupos aliados a Turquia, ou para Idlib. Segundo fontes próximas aos rebeldes a preferência é para o leste, onde as retaliações são limitadas em comparação a Idlib. O futuro de militares rebeldes em Aleppo é cruel, podendo ser executados, recrutados pelo exército ou morrerem de fome em prisões na Síria. Além de diversos desaparecidos, de acordo com um porta-voz da ONU, o governo assírio não distingue rebeldes e civis que provém ajuda aos grupos insurgentes. O governo e o exército se opõem aos chamados "green bus", que tem como função levar civis e combatentes que se renderam a áreas dominadas pelo governo ou a outra região de conflito, onde podem esperar pela morte, recrutamento ou fome. Na Síria, no entanto, toda a segurança é fugaz para aqueles inimigos do Estado".

Link: <https://www.nytimes.com/2016/12/13/opinion/what-comes-after-aleppo->

falls.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur&_r=0

Título: The ancient people of Palmira, Syria

Jornal: Following Hadrian

Data da publicação: Dezembro de 2016

Resumo: Os conflitos no Oriente Médio vêm atraído atenção do mundo as ruínas da antiga cidade de Palmira. Seus vestígios foram evidenciados pela primeira vez por viajantes em 1678. As representações dos habitantes em esculturas funerárias no estilo "Palmyrene" são impressionantes. A cidade obteve grande crescimento no século 1 a.C., tanto em riqueza como em população, sob o nome de Palmira (cidade das palmeiras) sendo um oásis de caravanas na rota comercial que liga o Mediterrâneo com a Ásia Ocidental e Central (Rota da Seda). A cidade foi incorporada ao império romano nos primeiros anos de reinado de Tibério e tornou-se uma metrópole com "livre" status com Adriano, que a visitou em 129 d.C e a rebatizou como "Hadriana Palmira". Era comum a encomenda de bustos funerários que retratavam indivíduos e famílias elegantemente vestidos. A moda era predominantemente síria, mas contava com influências greco-romanas e elementos pardos. Os túmulos que eram construídos por cidadãos ricos tomavam formas de torres de até 20 m de altura. Ao todo, cerca de 300 monumentos funerários foram descobertos em Palmira.

*Ver imagens de uma coleção de artefatos encontrados em Palmira acessando o link

Link: <https://followinghadrian.com/2015/06/04/the-ancient-people-of-Palmira-syria/>

Título: Historic Iraq Sites Reclaimed in Mossul Offensive

Jornal: Live Science

Data da publicação: 08/12/2016

Resumo: A ofensiva militar para retomar a cidade de Mossul, no Iraque, resultou no resgate de diversos sítios arqueológicos destruídos e saqueados pelo Estado Islâmico. Realizada pelos militares iraquianos e pela Peshmerga (força curda apoiada pelo Curdistão iraquiano, região autônoma do país). As forças especiais dos EUA também participam da investida. Até o momento a regiões periféricas de Mossul foram retomadas, por meio do apoio aéreo e terrestre. Relatórios sobre a situação dos locais históricos são enviados simultaneamente com os avanços das tropas:

Khorsabad – antiga capital assíria, construída pelo Rei Sargão II (721-705 a.C.), possui muitas esculturas e inscrições fragmentadas e estão sendo transportadas para a direção de Akre para a conservação de antiguidades.

Mar Behnam – sítio arqueológico, é um monastério construído a cerca de 1.500 anos. Foi informado que foi parcialmente destruído pelo grupo terrorista, seus edifícios se encontram pichados e as obras de arte foram destruídas. Todas as cruzes foram removidas e os textos cristãos foram queimados. Nos edifícios que restam, os quartos dos monges foram transformados em prisões.

Nimrud – antiga cidade assíria e capital durante o governo de Ashurnasipal II (883- 859 a.C), foi saqueada e destruída por dinamites e escavadeiras. Fotografias mostram que a maior parte do antigo palácio e das obras de arte foram destruídos, restando poucas mesmo em estado danificado. Arqueólogos iraquianos chegaram ao local e foi organizada uma segurança, com o objetivo de evitar mais destruições e pilhagens.

Link: <http://www.livescience.com/57135-historic-iraq-sites-reclaimed-in-mosul-offensive.html?platform=hootsuite>

Título: With President Francois Hollande, UNESCO Director-General inaugurates the exhibition "Eternal Sites" at the Grand Palais

Jornal: UNESCO

Data da publicação: 14/12/2016

Resumo: Foi inaugurada a exposição "Sítios Eternos", no dia 13 de dezembro, com o objetivo de proporcionar uma imersão em quatro grandes sítios arqueológicos ameaçados: a antiga capital do Rei Sargon em Khorsabad, no Iraque; Palmira; o Krak des Chevaliers, na cidade de Homs ; a Mesquita dos Omíadas, em Damasco. A abertura foi marcada pela participação de Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO, e do atual presidente da República Francesa, François Hollande. Em seu discurso, Hollande disse "É uma terrível coincidência que no momento em que inauguramos esta exposição, a herança do Oriente Médio é ameaçada e destruída, em Palmira e Aleppo, neste exato momento" e que "Diante desses horrores, nossa responsabilidade é salvar vidas e também salvar as pedras - não há escolha a ser feita, porque hoje ambas são destruídas". A diretora-geral da UNESCO lembrou o compromisso com a preservação do patrimônio ameaçado, pedindo uma maior mobilização

internacional na partilha de dados, capacitação e financiamento de programas. Segundo ela "O patrimônio antes de ser um edifício, é uma consciência e uma responsabilidade. Quando o extremismo violento ataca a cultura e a diversidade cultural, também é necessário responder com cultura, educação e conhecimento para explicar o significado dos sítios arqueológicos e compartilhar a mensagem de tolerância humanidade que a herança traz". A França anunciou a criação de um novo Fundo Internacional para a proteção do patrimônio, com o objetivo de mobilizar 100 milhões de euros.

Link: <http://whc.unesco.org/en/news/1608>

Título: Syria Devising Master Plan to Restore Aleppo's Cultural Heritage

Jornal: Sputnik News

Data da publicação: 14/12/2016

Resumo: Os conflitos na cidade síria de Aleppo acarretou na destruição de importantes monumentos culturais. No total a cidade perdeu 150 edifícios, igrejas e edifícios históricos de milênios foram destruídos e danificados. Em entrevista, o diretor do Departamento Sírio de Antiguidades e Museus, Maamun Abdel Karim, disse que a maior parte dos monumentos foi destruída pelo grupo terrorista, mas que os esforços para a restauração estão em curso. Segundo ele, uma equipe especial foi criada, entre eles engenheiros e historiadores, para iniciar o projeto de restauração dos edifícios danificados. A primeira etapa será avaliar a escala geral das perdas e danos junto a UNESCO. Depois, o diretor disse que a intervenção da comunidade internacional será necessária para punir criminosos que retiraram artefatos históricos do país.

Link: <https://sputniknews.com/middleeast/201612141048555945-syria-plan-restore-cultural-heritage/>

Título: Hundreds of Historic Texts Hidden in ISIS-Occupied Monastery

Jornal: Live Science

Data da publicação: 16/12/2016

Resumo: Foram salvos cerca de 400 textos datados entre os séculos 13 e 20 no Mosteiro de Mar Behnam, no Iraque. Segundo um professor da Universidade de Toronto, Amir Harrak, os documentos foram escondidos atrás de um muro construído por um jovem sacerdote chamado Yousif Sakat, poucas semanas antes da invasão do grupo islâmico Daesh em junho de 2014. O sacerdote os colocou em grandes latas metálicas e construiu uma parede para evitar suspeitas, tendo êxito. Em sua ocupação, o grupo fundamentalista destruiu alguns dos edifícios do mosteiro, queimou os textos encontrados, desfigurou e destruiu as obras de arte e inscrições e pichou as esculturas que restaram. Sakat foi forçado a fugir do mosteiro e manteve o esconderijo em segredo durante os dois anos da ocupação do Daesh. Felizmente, o edifício onde se encontravam os textos não foi destruído sendo utilizado como base para a "política moral" do grupo islâmico. Alguns dos textos são "belamente ilustrados" pelos os escribas que os copiaram e "relatando eventos históricos, sociais e religiosos de sua época – um fato que os torna preciosos" em uma variedade de línguas, disse Harrak. O futuro dos manuscritos é incerto, segundo Harrak. Para ele, os textos deveriam ser removidos do Iraque para um lugar mais seguro por enquanto, mas acha improvável a ajuda do governo iraquiano.

Link: <http://www.livescience.com/57240-historic-texts-hidden-isis-occupied-monastery.html>

Título: New Online Repository of Maps and Geospatial Data for the Middle East

Jornal: The Oriental Institute

Data da publicação: 13/12/2016

Resumo: O centro de Paisagens Antigas do Oriente Médio (CAMEL lab) no Instituto Oriental da Universidade de Chicago anunciou a disponibilização de um conjunto digital de mapas e dados geográficos para o acesso público online e download. Devido a um financiamento, foram incluídas versões georeferenciadas de mapas históricos e modernos e imagens de satélite no Banco de Dados Integrado do Instituto Oriental.

Link: <https://oi.uchicago.edu/article/new-online-repository-maps-and-geospatial-data-middle-east>

Título: Armies looting historic sites in Middle East, warn academics

Jornal: The National

Data da publicação: 04/01/2017

Resumo: A universidade de GLASGOW está organizando uma conferência internacional para discutir a preservação e proteção dos patrimônios culturais e sítios históricos. Segundo a professora sênior de arqueologia da universidade, Dra. Claudia Glatz, os exércitos estão

envolvidos na pilhagem de sítios históricos na Síria e no Iraque. "Alguns desses locais muito importantes, como Dura-Europos (Síria) e Hatra (Iraque), vem tendo uma destruição sistemática, com marcas de saques um atrás do outro. "Isso é uma pilhagem organizada que vai muito além de alguns aldeões", disse Glatz.

Link:http://www.thenational.scot/news/15002485.Armies_looting_historic_sites_in_Middle_East_warn_academics/

Título: Ruin or Rebuild: Conserve Heritage in an Age of Terrorism

Jornal: The Art Newspaper

Data da publicação: Janeiro de 2017

Resumo: Com a destruição dos Budas de Bamuyan no Afeganistão pelo Talibã em 2011, a UNESCO decidiu que as estatuas gigantescas pulverizadas por explosivos não poderiam ser reconstruídas usando o material original. As ruínas deveriam ser deixadas como testemunho do vandalismo ao patrimônio mundial. As decisões da UNESCO são guiadas pela *Carta de Veneza de Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios* (1964), elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos (ICOMOS). É permitida a reconstrução apenas quando possível a partir de partes danificadas, preservando a estrutura original.

A necessidade de reconstrução de alguns patrimônios é tida atualmente como determinante na candidatura para patrimônios mundiais. A quantidade de patrimônios a serem reconstruídos levanta a questão sobre a autenticidade. Como exemplo, temos a ponte de Mostar, tida como patrimônio mundial em 2005, destruída em 1993 durante a guerra na Bósnia e reconstruída em "fac-símile" usando novas pedras. Um santuário de barro em Timbuktu também está sendo reconstruído.

A destruição deliberada dos patrimônios históricos tem impulsionado a discussão desses termos, sendo debatido entre as organizações internacionais patrimoniais. O Instituto de Arqueologia Digital (IDA) ergueu o Arco do Triunfo de Palmira digitalmente em Londres e depois no City Hall Plaza de Nova York, sendo fortemente criticado por especialistas.

Segundo o subdiretor-geral da UNESCO, Francesco Bandarin, "A carta de Veneza foi escrita por historiadores de arte, não arquitetos [...] É por isso que nunca funciona para a arquitetura - temos de reinterpretá-la. Os princípios do patrimônio sempre foram evolutivos". Em 1994, após a destruição generalizada de monumentos na Guerra da Bósnia, foi acordado o *Documento de Nara sobre a Autenticidade (1994)*, no Japão, apelando para as diferenças culturais nas atitudes em relação à reconstrução e para a sensibilidade aos desejos das comunidades locais. O acordo foi em parte impulsionado pela necessidade de reconstrução dos templos xintoístas no Japão, fornecendo também uma resposta a projetos de reconstrução de inspiração nacionalista.

Impulsionado pelos conflitos na Síria e no Iraque, a UNESCO e o ICOMOS vem discutindo a respeito do tema. Alguns especialistas sugerem a classificação de "cidades vivas", onde é necessária uma maior flexibilidade, e em "nenhuma comunidade ou usuários", como sítios arqueológicos. Segundo Bandarin, é um tema novo e aponta para o crescimento do patrimônio cultural imaterial – tradições, línguas e formas de arte – que acompanha o patrimônio material. Para ele, há uma confusão na terminologia, onde a "reconstrução" deve ser entendida como uma técnica de "restauração".

A velocidade que as restaurações dos monumentos destruídos pelo ISIS vêm acontecendo tem se tornado um problema. Em 2016, o diretor geral de antiguidades na Síria, Maamoun Abdulkarim, declarou a reconstrução dos locais destruídos pela guerra civil depois que o governo sírio em conjunto com as forças russas retomou Palmira. Apoiado pela diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, provou uma reação internacional em forma de petição do grupo on-line Avaaz, descrevendo o plano como "precipitado, inoportuno e partidário" sendo usado para "celebrar o regime sírio e as conquistas russas".

"A Carta de Veneza tem um antecedente na Carta de Atenas de 1931 para a Restauração de Monumentos Históricos e, antes disso, nos princípios fundadores de organizações do século XIX, como a Sociedade Britânica para a Proteção de Edifícios Antigos". Ainda antes disso (em 1849), o crítico de arte inglês John Ruskin escreveu: "É impossível, tão impossível como ressuscitar os mortos".

A possibilidade de reconstruir edifícios e monumentos de maneira exata mesmo na ausência de material original e autêntico nos leva a questionar se deveríamos. "A reconstrução é um impulso natural depois de um desastre, mas, mesmo sem questões de autenticidade, o registro histórico pode ser distorcido pelo próprio ato de reconstruir, de forma que o trabalho original possa ser esquecido e não marcado." Como exemplo temos a igreja de Frauenkirche na Alemanha, bombardeada durante décadas, que foi recriada em fac-símile como símbolo

de reconciliação e atualmente é a palco de atuação de grupos de extrema direita "em sua narrativa de extremismo e vitimização".

Em outubro foi aprovado um plano de ação de 25 milhões pelo conselho executivo da UNESCO, visando implantar uma estratégia voltada para a "proteção da cultura e promoção do pluralismo cultural em caso de conflito armado". O objetivo é investir nas "pessoas", melhorando o monitoramento de desastres, desenvolvendo projetos comunitários de recuperação e educação, assegurando a continuidade cultural dos povos deslocados.

Para a relatora especial da ONU para direitos culturais, Karima Bennoune, é necessária a compreensão de que a proteção dos patrimônios não será alcançada sem antes proteger as pessoas e seus direitos humanos, disse em um relatório apresentado a Assembleia Geral das Nações Unidas. As duas coisas estão inter-relacionadas. É necessário consultar as comunidades diretamente envolvidas, que tem conexões particulares com o patrimônio, para determinar se desejam reconstruí ou não e de que maneira.

A decisão da UNESCO de não reconstruir os Budas de Bamiyan, no Afeganistão e a aprovação das cópias de esculturas em 3D em Roma demonstra uma incoerência. Resta saber a avaliação da organização com apelos da comunidade. O Ministério da Cultura do Afeganistão preza pela reconstrução de pelo menos um dos Budas, pesando no turismo futuro e com consciência de que uma reconstrução total seria uma "vitória" para o Talibã.

A cauda da destruição deve ser um fatos chave para as decisões relacionadas a reconstrução. A autenticidade deve levar em conta o repúdio a atos dirigidos, como de Limpeza Cultural.

Fac-Símile - Um fac-símile (ou edição fac-similar) é uma edição nova (frequentemente de um livro antigo) que apresenta uma reprodução exata da edição original, incluindo fontes de letras, escala ilustrações, diagramação e paginação.

Anastylose - é um termo arqueológico para uma técnica de reconstrução através da qual um edifício ou monumento em ruínas é restaurado usando os elementos arquitetônicos originais o máximo possível. Também pode se referir a restauração de cerâmicas quebradas e a outros objetos pequenos.

Link:<http://theartnewspaper.com/features/ruin-or-rebuild-conserving-heritage-in-an-age-of-terrorism/>

Título: Estado Islâmico causa "sérios danos" ao teatro de Palmira

Jornal: El País

Data da publicação: 20/01/2017

Resumo: Com a confirmação de imagens captadas por satélite, o diretor geral de Antiguidades e Museus na Síria, Maamoun Abdulkarim, anunciou uma segunda destruição ministrada pelo Estado Islâmico em Palmira. Segundo ele "Destruíram grande parte da colunata do Tetrápylon e também causaram sérios danos à fachada do teatro romano" e que "Estamos diante de um exército de bárbaros determinado a eliminar Palmira, em sua guerra cultural. Trata-se de um patrimônio mundial e a comunidade internacional tem de assumir sua parte de responsabilidade em sua proteção. Quanto mais tempo passar em mãos do Estado Islâmico, menos restará". As imagens foram tiradas pela UNOSAT, a pedido da UNESCO, para análise e confirmação das destruições. Em comunicado, a diretora geral da UNESCO, Irina Bokova, afirmou que "esta destruição é um novo crime de guerra e uma perda imensa para o povo sírio e a humanidade".

Link:http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/20/internacional/1484904166_672322.html?id_externo_rsoc=FB_CC

Título: Iraq Starts Offensive to Retake Western Mosul From ISIS

Jornal: The New York Times

Data da publicação: 19/02/2017

Resumo: No Iraque, uma ofensiva para retomar Mossul, ocupado pelo Estado Islâmico por quase três anos, depositou folhetos na região onde se encontravam participantes do grupo terrorista, escrito "está é a última oportunidade de sair do seu trabalho com ISIS e para deixar os estrangeiros que estão na sua terra natal. Fique em casa, levantando as bandeiras brancas à medida que as forças se aproximam". O primeiro-ministro iraquiano, Haider al-Abadi, anunciou o início da ofensiva descrevendo-a como "um novo amanhecer". A retomada da cidade inteira seria uma enorme vitória para as tropas iraquianas. Sendo a segunda maior cidade do Iraque, o conflito acontece em meio a preocupações com a condição de milhares de civis na parte ocidental da cidade, onde é grande a escassez de água, alimentos e combustível é grande junto ao assédio pelos combatentes islâmicos. A

investida que vem ocorrendo desde outubro do ano passado, vem empurrando as tropas locais no leste para outra cidade geograficamente maior, mas menos habitada na parte oriental. A operação levou mais tempo do que o esperado e teve grande impacto sobre os civis e forças iraquianas, mas boa parte da infraestrutura foi preservada. Segundo o secretário de defesa, Jim Mattis, as forças americanas estão apoiando a operação e estão "muito próximos, se não engajados, naquela luta" e que "continuará com o esforço acelerado para destruir", se referindo ao Estado Islâmico.

Link: <https://www.nytimes.com/2017/02/19/world/middleeast/iraq-starts-offensive-to-retake-western-mosul-from-isis.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur>

Título: Imagens de drone russo mostram danos do EI à cidade síria de Palmira

Jornal: Folha de São Paulo

Data da publicação: 14/02/2017

Fichamento:

Imagens obtidas por um drone (aeronave de pilotagem remota) russo mostram novas destruições na histórica cidade de Palmira, na Síria, recentemente recapturada pela facção terrorista Estado Islâmico (EI).

O Ministério da Defesa da Rússia informou que forças do regime sírio estão avançando em direção à cidade, e que uma nova batalha pela localidade histórica deve ocorrer em breve.

O vídeo mostra que os extremistas danificaram seriamente a fachada de um anfiteatro da era romana e o Tetrapylon – quatro monumentos, cada qual dotado de quatro colunas, localizados no centro de uma via ladeada por colunas que conduz ao anfiteatro.

Palmira, uma cidade que faz parte da lista de patrimônio histórico da humanidade mantida pela UNESCO, foi na antiguidade um ponto de contato entre Pérsia, Índia e China, de um lado, e o Império Romano e o Mediterrâneo, do outro, e já havia passado por destruição causada pela facção.

A cidade foi tomada pela primeira vez por militantes do EI em maio de 2015 e passou dez meses sob sua ocupação. No período, os extremistas destruíram antigos templos e por fim expulsaram a maioria dos habitantes da cidade, o que causou fortes protestos internacionais.

Os extremistas terminaram expulsos da cidade por forças russas e do regime sírio, mas voltaram a conquistá-la em dezembro.

As imagens obtidas pelo drone, que o ministério russo informou terem sido registradas no começo do mês, mostram uma seção do anfiteatro de Palmira em ruínas.

O ministério informou que os drones registraram movimentos significativos de caminhões na área em torno dos sítios arqueológicos, o que pode significar que os militantes do EI estão transportando explosivos para o local.

Link: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/02/1858349-imagens-de-drone-russo-mostram-danos-do-ei-a-palmira-na-siria.shtml>

Título: Why We Need to Fight to Save Mosul's Cultural Heritage

Jornal: Smithsonian

Data da publicação: 09/02/2017

Resumo: A cidade de Mossul é a segunda maior do Iraque e por anos abriga uma população religiosa e étnica diversa, composta por muçulmanos sunitas, xiitas e sufis, cristãos, judeus, zoroastrianos, curdos, árabes, turcomanos, armênios entre outros. Com isso, a paisagem da cidade é marcada pelas inúmeras influências culturais de sua comunidade, como mesquitas, igrejas, santuários, cemitérios, bibliotecas, museus etc.

O grupo terrorista Estado Islâmico (ISIS) ocupou a cidade em junho de 2014. Recentemente, em outubro de 2016, forças iraquianas com apoio dos EUA e da Peshmerga curda atacaram retomando a maior parte da metade oriental da cidade.

A necessidade de proteger o patrimônio cultural da região vem crescendo. Em sua primeira ocupação na cidade, o ISIS queimou a biblioteca da cidade destruindo centenas de manuscritos. Na primeira tentativa de destruir o santuário Sheikh Fathi a comunidade tentou intervir, mas foram derrotados pelo uso de escavadeiras. A destruição do túmulo de Nebi Yunis – Jonas na Bíblia – e o de Nabi Jerjis foram divulgados por vídeos produzidos pelo ISIS.

Para ajudar na preservação e proteção dos patrimônios, especialistas do Comitê Americano do Escudo Azul, da Universidade da Pensilvânia e da Instituição Smithsonian produziram um

guia de bolso para o Patrimônio de Mossul em inglês, árabe e curdo, e distribuíram para as tropas empenhas em retomar a cidade. Em sua segunda edição, o livro fornece mapas e coordenadas também. Os EUA reconhecem a Convenção de Haia para a Proteção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado (1954) e o Comitê do Escudo Azul fornece uma lista para o Departamento de Defesa dos EUA para que os locais com patrimônios culturais sejam levados em consideração nos bombardeios.

Nos últimos anos, o Instituto Smithsonian em conjunto com a Universidade da Pensilvânia e a Universidade de Delaware trabalham com o Instituto Iraquiano para Conservação de Antiguidades e Patrimônio, treinando 500 trabalhadores de toda parte do Iraque para preservar, proteger e preparar patrimônios. Em 2016, o Smithsonian realizou um curso de "Primeiros Socorros para a Cultura" com a presença de profissionais iraquianos que ajudarão na restauração do patrimônio de Mossul depois do conflito.

Ainda falta muito para os projetos se iniciarem, é necessário que os locais importantes sejam limpos de minas, vedados e protegidos antes do mapeamento, identificação, coleta, catalogação, para que mais tarde possam ser preservados, estudados e apresentados ao público.

Link:<http://www.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/why-we-need-fight-save-mosuls-cultural-heritage-180962091/>

Título: Italy restoring damaged art from Palmira

Jornal: Ansa

Data da publicação: 07/02/2017

Resumo: Dois bustos funerários datados dos séculos II e III a.C foram resgatados da cidade de Palmira para serem temporariamente confiadas na Itália, para trabalhos de restauração e preservação. Os bustos – um homem e uma mulher – chegaram através das fronteiras e dos postos de controle em acordo entre Italy's "Incontro di Civiltà" (Meeting of Civilisations) e a Direção de Antiguidades em Damasco. A escultura masculina foi danificada no rosto devido a golpes de martelo infligidos pelo ISIS. Os restauradores trabalham em uma impressão 3D, sofisticada com sinterização de pós de nylon que permitira a reconstrução das características aristocráticas delicadas. Já a escultura feminina, foi restaurada fragmento por fragmento. As duas esculturas foram exibidas no Coliseu em uma exposição intitulada "Reborn from Destruction: Ebla, Nimrud, Palmira" e estão agora sob a tutela do Instituto Superior de Conservação e Restauração (ISCR), que irá devolvê-los a Síria no final do mês.

Link: http://www.ansa.it/english/news/lifestyle/arts/2017/02/07/italy-restoring-damaged-art-from-Palmira_e04bd2c0-a0f4-4d5f-836a-537c83ccc8de.html

Título: The Legacy of Ancient Palmira

Jornal: The Getty Research Institute

Data da publicação: janeiro de 2017

Resumo:

*Ver o site para informações sobre a história de Palmira e imagens e ilustrações dos principais monumentos.

"Durante séculos, artistas itinerantes e exploradores documentaram o local (Palmira) em antigos estados de preservação. Criada como uma homenagem a Palmira, esta exposição on-line captura o local como foi fotografado pela primeira vez por Louis Vignes em 1864 e ilustrado no século XVIII pelo arquiteto Louis-François Cassas.

Link: http://www.getty.edu/research/exhibitions_events/exhibitions/Palmira/

Título: British Museum trains Iraqi archaeologists to rebuild post-Islamic State

Jornal: Reuters

Data da publicação: 21/02/2017

Resumo: Um plano do Museu Britânico está treinando arqueólogos iraquianos para trabalhar nas escavações no Iraque, para salvar artefatos e reconstruir sítios destruídos pelo Estado Islâmico. O projeto surgiu com a tentativa de agir perante uma situação impossível na região, devido aos conflitos, disse Jonathan Tubb, chefe do Treinamento de Gestão de Patrimônio em estado de Emergência do Iraque. Segundo ele "Nós poderíamos realmente preparar as pessoas ... para o dia em que esses sites seriam liberados novamente, liberados e garantir que essas pessoas tenham todas as habilidades e ferramentas necessárias para lidar com a mais terrível destruição. Os arqueólogos passam por três meses de treinamento teórico no Museu Britânico e mais três meses de trabalho prático em sítios de Tello e Darband-i Rania no Iraque. No curso eles aprendem a detectar armadilhas durante a escavação e técnicas digitais para levantamentos geofísicos, sensoriamento remoto e como

usar multi-estação – equipamentos que ajudam com o mapeamento e medições. Até o momento, apenas a antiga cidade assíria de Nimrud foi avaliada após ser saqueada e destruída com escavadeiras pelo Estado Islâmico em 2015. Cada local recuperado pelo exército iraquiano deve ser fotografado, cada fragmento deve ser observado, gravado e anotado antes de ser modificado de lugar, disse Tubb. A importância de reconstruir esses locais não deve ser subestimada: "As pessoas no Iraque identificam tanto com seu passado antigo que se você anula isso e tenta erradicá-lo, então você está efetivamente limpando sua identidade", continuou. O treinamento é financiado pelo governo britânico, que está investindo cerca de 2,9 milhões de libras ao longo de cinco anos.

Link: http://www.reuters.com/article/us-britain-iraq-archaeology-idUSKBN16029C?utm_content=bufferb5350&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer

Título: Iraquês defiant as extremists threaten to attack Babylon

Jornal: Al-Monitor

Data da publicação: 03/03/2017

Resumo: O Diretor de Antiguidades na Babilônia, Hussein Fleih, informou a imprensa que recebeu uma mensagem com ameaças contra a sua vida e os eventos culturais que vem ocorrendo na cidade. Um funcionário informou no dia 20 de fevereiro que a cidade vem sendo ameaçada por partidos radicais que prometem lançar mísseis caso as atividades culturais continuem acontecendo. Segundo Fleih, o Iraque tem planejado adicionar a Babilônia à Lista de Patrimônios Mundiais da Unesco, em 2017. O artista Shabbib al-Medhati disse ao Al-Monitor que as ameaças "refletem uma tentativa de implementar uma agenda conservadora buscando islamizar a vida cotidiana e transformar eventos culturais e sociais em eventos puramente religiosos". Os estudantes da Universidade da Babilônia responderam as ameaças realizando um concerto no dia 22 de fevereiro. Segundo o estudante Ali Hassan "Os estudantes estão enfrentando as ameaças e estão desafiando a agenda radical com arte e música" e que "vamos realizar shows de música e eventos culturais regularmente na cidade". Para um professor que participou dos eventos "as correntes religiosas na província da Babilônia não querem que a cidade se torne um centro cultural porque vai contra suas tendências conservadoras". Um membro do Comitê de Cultura e Informação do parlamento, Shawan Daoudi, disse que "a ameaça dos grupos radicais aos sítios culturais e arqueológicos é equivalente a destruição das antiguidades de Mossul pelo Estado Islâmico". Essa não foi a primeira vez que as atividades na cidade da Babilônia foram interrompidas, em 2015 o canto foi proibido no Festival da Babilônia de Cultura e Arte.

Link: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2017/03/babylon-culture-iraq-islamisation-militia-pmu.html#ixzz4aNa4eLoG>

Título: Conversações sobre a Síria são encerradas em Genebra com 'agenda clara' para o país

Jornal: Nações Unidas no Brasil

Data da publicação: 06/03/2017

Resumo: As conversações sobre a Síria mediadas pela ONU estão "na direção certa", afirmou o enviado especial da Organização para o país na semana passada (3), ao encerrar a última rodada de discussões sobre o país em Genebra, na Suíça. O combate ao terrorismo foi um item adicionado à agenda e os encontros com os lados em conflito serão retomados no fim do mês. De Mistura afirmou que os participantes se "envolveram em discussões sérias" durante os últimos dias. "Agora está claro para todos, e é inquestionável que estamos aqui para implementar a resolução 2254 do Conselho de Segurança", disse o enviado. O documento traz um mapa para o processo de paz na Síria, incluindo detalhes sobre a governança, a Constituição e as eleições. "É preciso que as partes busquem um acordo para executar a transição política segundo essa resolução, e estamos aqui para discutir isso", acrescentou Mistura. Paralelamente, as conversações em Astana, no Cazaquistão, continuarão a abordar questões relacionadas à manutenção do cessar-fogo e às medidas de confiança. As discussões foram convocadas pelo Irã, Rússia e Turquia. "Temos agora uma agenda clara na nossa frente. O trem está pronto e já está na estação aquecendo o seu motor. Só precisa de um acelerador, e o acelerador está nas mãos dos lados presentes na rodada de discussão", destacou.

Link: <https://nacoesunidas.org/conversacoes-sobre-a-siria-sao-encerradas-em-genebra-com-agenda-clara-para-o-pais/>

Título: Tesori assiri sconosciuti nei tunnel scavati dall'ISIS a Mossul (Tesouros assírios desconhecidos em túneis escavados por ISIS em Mossul)	
Jornal: Ill Fatto Storico	Data da publicação: 08/03/2017
<p>Resumo: A destruição de um monumento pelo ISIS em Mossul (Iraque) revelou um túnel com antigas ilustrações esculpidas em baixo-relevo em um túnel escavado por militantes. O túnel encontra-se em uma pequena colina danificada em 2014, quando o ISIS destruiu uma mesquita do século XII que se acreditava conter o túmulo de Jonas. As obras parecem ser sacerdotes e cerimônias religiosas. A descoberta é uma possível entrada do edifício, que remonta o período do império assírio, esculpidas provavelmente nos séculos V e VI a.C. O Museu Britânico está em contato com um grupo liderado por Saleh Noman (treinado em Londres para estimar e guardar tudo que sobreviveu aos conflitos). Segundo Sebastian Rey, arqueólogo do Programa de Gestão do Patrimônio em emergência do Iraque oferecido pelo Museu Britânico, até o momento foram vistas apenas fotografias de baixa qualidade, “mas que são extremamente emocionantes”. Ele também afirma que “os resultados são únicos, tem características que não temos visto em qualquer outro lugar” e que “os arqueólogos são incrivelmente corajosos, eles estão trabalhando em extremo perigo, com tijolos de barro em risco de colapso a qualquer momento”. Na conferência da UNESCO em Paris em fevereiro do ano passado, o vice-ministro iraquiano da cultura, Qais Rashid, disse que só na região de Mossul foram destruídos pelo ISIS 66 sítios arqueológicos e que lugares de cultos cristãos e muçulmanos sofreram “danos enormes”, e milhares de manuscritos foram saqueados. A chefe do Departamento de Antiguidade, Layla Salih, informou que em uma casa em Mossul foram recuperados mais de 100 peças de cerâmica em boas condições, provavelmente saqueadas pelo ISIS no túnel. No entanto, presume-se que muitos outros objetos tenham sido levados.</p>	
Link: https://ilfattostorico.com/2017/03/08/tesori-assiri-sconosciuti-nei-tunnel-scavati-dallisis-a-mossul/	

Título: The destruction of Mecca	
Jornal: The Economist	Data da publicação: 02/03/2017
<p>Resumo: Como governador de Mecca, o príncipe Khalid bin Faisal Al Saud, supervisionou o maior projeto de construção do Oriente Médio e apagou 1.400 anos da história islâmica. No lugar mais sagrado do Islã, foram construídos arranha-céus e escavadoras achatam montanhas onde se encontravam as casas de esposas, companheiros e califas do profeta Maomé. Os magnatas locais junto com o governo investiram centenas de milhões de dólares para a construção de duas torres de 50 andares no local da casa do terceiro califa. Para as autoridades a demolição é um preço inevitável da expansão. Para o rei Salman bin Abdel Aziz, o seu prestígio e seu bolso crescerão com o crescente tráfego na região. O plano é transformar as peregrinações uma competição com o petróleo. Milhões estão sendo gastos em ferrovias, estacionamentos para 18.000 ônibus para transportar os peregrinos a hotéis. Muitos consideram esse apagão na história a continuação de uma tarefa iniciada no século XIII, quando o Al Saud e tribos beduínas lutaram contra Oo Wahhabismo.O Wahhabismo forçou a homogeneização de seu credo entre homens e mulheres, e obrigaram tribos a se remodelarem ao ambiente urbano, arrancando o passado. Em suas escolas permitiram apenas pregadores Wahhabi. Eles purificam a fé da adoração demolindo santuários venerados pelos xiitas e pelos sunitas tradicionais.</p>	
Link: http://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21717992-middle-east-largest-building-project-has-effaced-1400-years-islamic?frsc=dq%7Cc	

Título: Iran displays ancient Persian artifacts returned from the US	
Jornal: Phys.org	Data da publicação: 08/02/2017
<p>Fichamento: O Irã está exibindo centenas de artefatos antigos e persas, alguns datando de até 3.500 anos e todos eles recentemente trazidos de volta para casa de museus e coleções de países ocidentais. Mohammad Hassan Talebian, vice-chefe da Organização do Patrimônio cultural, Artesanato e Turismo do Irã, disse à Associated Press que todos os itens em exibição foram repatriados nos últimos dois anos e meio da Inglaterra, Bélgica Itália e Estados Unidos. A exposição especial, que abriu segunda-feira no Museu Nacional de Teerã, exibe 558 artefatos diferentes.</p>	

Eles incluem ferramentas de caça e agulhas de costura da Idade do Ferro e um par de colares que datam de mais de 2.000 anos para o Império Aquemênida fundado por Ciro, o Grande - o ponto alto do domínio persa.

Entre os itens mais antigos em exposição estão dezenas de tigelas de barro, jarros e moedas gravadas que datam de 3.500 anos e anteriormente instalado no famoso Instituto Oriental da Universidade de Chicago.

O Irã e os EUA não têm relações diplomáticas desde 1979, quando estudantes iranianos invadiram a embaixada americana e tomaram 52 americanos como reféns por 444 dias.

O acordo de 2015 entre Teerã e as potências mundiais limitou o programa nuclear do Irã em troca do levantamento das sanções econômicas internacionais.

No entanto, o breve degelo nas relações iraniano-americanas pode ser de curta duração. O novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, criticou fortemente o acordo e já iniciou uma guerra de palavras com a liderança do Irã e colocou Teerã "em alerta" em relação a um recente teste de mísseis balísticos.

Os itens da Universidade de Chicago já haviam sido exibidos por conta própria em maio de 2016, mas esta é a primeira vez que todos os itens repatriados desses quatro países foram exibidos juntos.

Myriam Rahgoshay, um entusiasta das artes, disse que o retorno destes e milhares de outros artefatos históricos ainda no exterior é um impulso chave para a identidade nacional iraniana.

"Esta é a fonte de grande orgulho e prazer, porque nossa identidade, que está sujeita à desintegração, está se tornando completa de novo", disse ela.

Link: <https://phys.org/news/2017-02-iran-ancient-persian-artifacts.html#jCp>

Título: How a Beloved World Heritage Site Became a Battlefield. And What's Next.

Jornal: Travel and Leisure

Data da publicação: 24/02/2017

Fichamento:

Equipado com colete à prova de balas e capacete, Dr. Mechtild Rössler partiu em um veículo blindado em abril passado em direção a Palmira, na Síria. Movimentada ao longo da estrada empoeirada, ela sabia que a área não tinha sido totalmente limpa de minas.

Equipes russas haviam removido 3.000 minas terrestres do precioso sítio arqueológico, mas ainda restavam dispositivos manuais deixados pelo grupo islâmico em retirada. O acesso foi limitado, dada a localização remota de Palmira, bem como os IEDs restantes, e todos os membros da sua equipe da UNESCO prosseguiu com a consciência persistente do perigo ao redor.

Palmira, que significa "cidade de palmeiras", é um oásis cultural: Sua imponente arquitetura do século I e II se assemelha a uma paisagem vazia, cercada por colinas íngremes. Apelidado de "A Noiva das Areias", a antiga cidade se esculpe em um vale deserto a cerca de 150 milhas de Damasco. Muitas de suas estruturas permaneceram relativamente intocadas pelos séculos intermédios - até 2015.

Quando a organização militante conhecida como Estado Islâmico, ou ISIS, invadiu a cidade pela primeira vez em maio de 2015, eles destruíram alguns dos monumentos mais notáveis, incluindo o Templo de Baalshamin e o Templo de Bel, ambos quase 2.000 anos de idade, antigas estruturas dedicadas a deuses pré-islâmicos.

Quando Rössler e sua equipe ganharam acesso ao sítio um mês depois de sua libertação, sua tarefa era primeiro documentar os danos, antes de fazer planos para a sua reparação.

Examinando os destroços dos antigos templos, ambos reduzidos a escombros, Rössler procurou o que poderia ser resgatado. Uma bomba havia rasgado duas histórias do museu vizinho de antiguidades que continha centenas de mosaicos, bustos funerários do século III, além de joias e escultura greco-romanas.

"Para a herança mundial, a reconstrução não é permitida, porque isso significa que o site não teria integridade ou autenticidade."

Palmira sofreu outro duro golpe quando a ISIS retomou o controle do local em dezembro, ameaçando mais destruição. Se a cidade for novamente libertada e trazida de volta sob o controle de coalizões internacionais como a UNESCO, os preservacionistas e arqueólogos voltarão a debater quais estruturas devem ser reconstruídas e como melhor preservar o legado de um dos mais espetaculares sítios arqueológicos do mundo.

Visitantes anteriores também estão provando parte integrante da batalha para preservar

Palmira. O sítio está sendo reconstruído em 3-D usando fotos antigas, que se tornam preciosos pontos de dados em um esforço para recriar este mundo em realidade virtual para aqueles que nunca podem experimentá-lo em primeira mão.

"É realmente um local de toda a humanidade. Esta é uma das razões pelas quais foi colocado na lista do patrimônio mundial: porque tem traços de culturas diferentes ", disse Rössler. "Contém uma das ruínas de um dos mais importantes centros culturais do mundo antigo".

Palmira é uma cidade construída principalmente há quase 2.000 anos. Suas altas colunatas recordam aos visitantes as pesadas influências greco-romanas, enquanto seus templos dedicados a um amálgama de diferentes deuses falam de sua metamorfose espiritual. Ao contrário de outros sítios arqueológicos que contêm apenas um elemento - uma igreja, um mercado - Palmira é uma cidade inteira. Com templos, um anfiteatro, ruas arqueadas e túmulos, entrar em suas fronteiras é uma experiência de outro mundo.

Além de sua beleza imediata e imponente, Palmira está como um monumento acalentado ao multiculturalismo, um lugar onde os povos do Leste e do Oeste se encontraram, negociaram, e viveram junto. Muitas vezes chamado de "berço da civilização", o local é aproximadamente a meio caminho entre o Mar Mediterrâneo e o rio Eufrates, tornando-se um local de encontro natural.

Palmira representa algumas das coisas que a ISIS diz que odeia mais, incluindo arte pré-islâmica e deuses, que o grupo considera idolatria. Europeus, americanos e pessoas de todo o mundo também reverenciam o sítio sírio, levando ISIS a afirmar que atrai "infiéis" que querem poluir a sociedade islâmica local.

Um campo petrolífero nas proximidades contribui para o financiamento das campanhas do grupo através do Iraque e Síria, e objetos não escavados da cidade também fornecem uma valiosa fonte de renda no mercado negro.

Ao destruir ou severamente danificar estruturas como o Templo de Bel, o Arco do Triunfo e, mais recentemente no mês passado, seções do anfiteatro romano, o ISIS envia uma forte mensagem de propaganda, de acordo com especialistas como Michael Danti, o diretor do Programa de iniciativas de patrimônio cultural da American Schools for Oriental Research (ASOR). Estes vídeos explosivos demonstram tanto para seus aliados quanto para seus inimigos que eles são uma força capaz de soprar milhares de anos de trabalho, vida, arte e história em alguns momentos.

"Esta é a pior crise do patrimônio cultural desde a Segunda Guerra Mundial"

"Trata-se de apagar a memória cultural", disse Danti. "Eles estão engajados em ampla Limpeza Cultural."

Quando as tropas da ISIS se aproximaram pela primeira vez de Palmira em 2015, arqueólogos e moradores fizeram uma última tentativa de salvar alguns dos tesouros de Palmira. Eles correram para o museu de antiguidades, embrulhando pequenas esculturas e artefatos para carregar em caminhões enquanto os militantes seguiam atrás, barricando objetos que eram pesados demais para serem movidos.

Mas o esforço para evacuar Palmira veio na maior parte demasiado tarde, e três trabalhadores do museu foram feridos pelo tiro de ISIS enquanto escaparam com diversos caminhões de artefatos, *National Geographic* relatou. Seus colegas depositaram os feridos em um hospital próximo e continuaram até Damasco com suas peças recuperadas, levando-os para um espaço seguro escondido fora do alcance dos militantes.

Um dos principais estudiosos e campeões de Palmira não sobreviveu ao cerco. Referido por colegas como "Sr. Palmira ", o arqueólogo e historiador Khaled al-Asaad, que havia dedicado seus 40 anos de carreira à escavação do local, se recusou a deixar os limites da cidade à medida que o grupo ganhava terreno.

Apesar dos esforços desses estudiosos e habitantes locais, as autoridades não foram capazes de evacuar todos os objetos, deixando o local aberto a saqueadores e à destruição intencional de militantes. Enquanto ISIS controlava Palmira de maio de 2015 a março de 2016, dezenas, senão centenas de artefatos desapareceram, presumivelmente destruídos ou roubados.

Apelidado de "Homens Monumentos" por sua semelhança com soldados e civis durante a Segunda Guerra Mundial que esconderam preciosas obras de arte das forças invasoras nazistas na Europa, Al-Azm e seu grupo, The Day After (TDA-HPI), fortificaram e

salvaguaram muito da história de sua nação, tanto das bombas barril do regime como da brutalidade caseira do ISIS, evacuando-a e escondendo-a.

Os associados de Al-Azm também usaram um método chamado sandbagging em um número de museus para proteger artefatos preciosos da guerra circunvizinha. O sandbagging neste caso envolve barricading o perímetro das abóbadas, dos quartos, e de perímetros inteiros do museu com sacos de areia, permitindo que a areia absorva o choque de quase toda a explosão exceto um sopro direto. No caso dos próprios sacos de areia explodir, servem um segundo objetivo: cobrir sua carga em uma espessa camada de poeira, protegendo-a de invasores saqueadores, relatou *Mother Jones*.

De seu escritório nos EUA, ele meticulosamente rastreia fotos e locais de itens que desapareceram. Enquanto as pilhagens de subsistência se tornaram cada vez mais populares em todo o país à medida que o conflito se intensificou em 2012, Al-Azm insiste que o saque de Palmira não é uma atividade manual, mas sim uma operação organizada supervisionada pelo ISIS.

"Eles veem o patrimônio cultural como um recurso a ser explorado", disse ele. "Eles saqueiam o que podem vender; Eles destroem para propósitos de propaganda o que não podem ... Não tem nada a ver com cultura, iconoclastia ou religião".

A ISIS até alugou lotes para que os moradores pudessem procurar artefatos enterrados, de acordo com rumores entre arqueólogos.

Al-Azm espera que se essas antigas peças de arte e história reaparecerem no mercado negro ou mesmo em uma respeitada casa de leilões, ele e outros como ele serão capazes de identificá-los rapidamente e devolvê-los às suas casas originais.

Se as forças sírias retomam as ruínas arqueológicas, os perigos da reconstrução incorretamente levam um alto risco à integridade do local. Com a maioria das principais estruturas em Palmira ter sido concluída antes do final do século III d.C., os restauradores são confrontados com o problema da reconstrução de uma estrutura que nunca poderia ter visto, construído com materiais que já não existem.

"A reconstrução prematura pode levar a uma espécie de" Disney-fication "de locais antigos. E isso certamente seria um risco", disse Eckart Frahm, um especialista em preservação cultural de Yale, acrescentando: "Houve incerteza sobre se devemos realmente reconstruir essas coisas ou não".

A ISIS usou explosivos múltiplos, assim como bulldozers, para derrubar o templo de Bel templo de Baalshamin, assegurando-se de que os restos fossem danificados além da reparação.

A esperança permanece para o Arco do Triunfo, que caiu em pedaços grandes o suficiente para, talvez, ser colocados de volta juntos, Rössler da UNESCO observou. Com muitas outras esculturas, estruturas e artefatos em centenas de peças, uma boa parte dos tesouros do museu vizinho são perdidos.

A esperança permanece para o Arco do Triunfo, que caiu em pedaços grandes o suficiente para, talvez, ser colocados de volta juntos, Rössler da UNESCO observou. Com muitas outras esculturas, estruturas e artefatos em centenas de peças, uma boa parte dos tesouros do museu vizinho são perdidos.

Para os sítios que não podem - ou, segundo alguns, não devem - ser reconstruídos, outras opções para preservar sua memória estão disponíveis, graças em grande parte ao desenvolvimento de novas tecnologias.

Um dos líderes na vanguarda dos novos métodos de preservação cultural é Brian Pope, fundador da Arc / k, uma organização dedicada à reconstrução de sítios históricos através da realidade virtual.

"Todos nós vivemos em terra roubada", disse Pope a T + L. Ao garantir que as memórias daquela terra não sejam destruídas, "você perde a capacidade de ser ignorante".

Com experiência em tecnologia e efeitos visuais, o Pope iniciou o projeto Perpetuity Palmira com o mesmo espírito de trazer a história à vida. Ele também planeja compartilhar seu arquivo 3-D com estudiosos para que eles possam usar sua reconstrução virtual para pesquisa futura.

Ao usar um processo chamado fotogrametria, a equipe do Pope usou milhares de fotos, muitas tiradas por fotógrafos amadores e turistas, para recriar Palmira na realidade virtual. Os arquivos e vídeos digitais deste projeto estão disponíveis através do site da

organização e eles regularmente realizam demonstrações para que mais pessoas possam ser expostas à beleza deste local.

"Uma das coisas que todos os restauradores estão preocupados é: qual é a versão legítima de um objeto?", Disse Pope. Mesmo antes de ISIS chegar em Palmira, reconstruções ocorreram várias vezes em meados do século XX, alterando a aparência do site.

Os viajantes foram indispensáveis aos esforços de VR do Papa em Palmira. Pouco eles poderiam ter sabido que o instantâneo de férias que eles tomaram de sua visita ao local há 10 anos poderia agora ser usado para preservar templos extintos. Os dados das fotografias digitais dos turistas permitiram uma colagem das imagens, criando uma imagem mais completa de cada estrutura.

"São os turistas que estão se tornando basicamente coletores de informações científicas - a ciência da multidão", disse ele.

A influência que o estilo greco-romano da arquitetura de Palmyrene exerceu sobre o renascimento neoclássico nos 17os e Séculos XVIII é uma das razões citadas pela UNESCO para nomear Palmira um "patrimônio mundial" em primeiro lugar.

"O site é enorme, e a maior parte ainda não foi explorada", disse ele. "Ainda há muito mais por baixo do chão. Sim, perdemos partes muito importantes do site, mas acho que também há partes muito importantes do site que estão enterradas e seguras. "

Link: <http://www.travelandleisure.com/culture-design/architecture-design/archeological-site-culture-preservation-Palmira-syria-isis>

Título: Did ISIS inadvertently uncover the secret to the "lost" Hanging Gardens of Babylon?

Jornal: Salon

Data da publicação: 12/03/2017

Resumo: Em fevereiro, um grupo de arqueólogos que estavam mapeando a cidade iraquiana de Mossul, danificada pelo grupo terrorista ISIS, anunciou a descoberta de um palácio abaixo do santuário de Nebi Yunus. O palácio antecede o tumulo de Jonas e ficou invisível por milhares de anos, até a destruição do grupo islâmico. Nos achados, encontram-se itens de grande valor histórico, como um pedaço de mármore com cuneiforme descrevendo um rei específico, Esarhaddon, que foi um governante da Assíria por volta de 672 a.C. A descoberta sugere que o palácio seja um já conhecido historicamente – com a construção iniciada pelo rei Sennacherib e finalizado por seu filho, Esarhaddon – que foi gravemente destruído durante um conflito em 612 a.C. Seus componentes foram reutilizados em novas estruturas (edifícios como o Túmulo de Jonas). Os historiadores também acreditam que o palácio é ligado a uma cadeia de monumentos perdidos e reis antigos, que remonta a uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Todas elas são conhecidas por terem sido destruídas, exceto os Jardins Suspensos da Babilônia. Os jardins são descritos como uma espécie de zigurate, com plantações em todos os seus níveis. As únicas evidências de sua existência são diversos documentos descrevendo suas características. Estudiosos recentes, como Stephanie Daley, sugerem que os Jardins da Babilônia foram confundidos com jardins que realmente existiram, mas não na Babilônia: um famoso jardim construído pelo destruidor da Babilônia, o rei assírio Senaquerib, para a sua então capital em Nínive. Sendo, assim, o mesmo rei que iniciou o palácio descoberto.

Link: <http://www.salon.com/2017/03/12/did-isis-inadvertently-uncover-the-secret-to-the-lost-hanging-gardens-of-babylon/>

Título: Iraqi troops seize main bridge, advance on mosque in battle for Mosul

Jornal: Reuters

Data da publicação: 15/03/2017

Resumo: A policial federal iraquiana informou que nessa quarta-feira foi retomado o controle de uma ponte principal sobre o rio Tigre das mãos do Estado Islâmico. A ponte que liga Mossul oriental com outra cidade militante apreendida no lado ocidental, é uma das três pontes retomadas pelo governo no conjunto de cinco pontes sob o rio Tigre. A retomada foi fruto de um pesado conflito em terra entre as tropas iraquianas e os inimigos, utilizando carros-bomba, morteiros e atiradores e drones-granadas. Segundo um porta-voz da polícia federal "nossas tropas estão fazendo um avanço firme .. e estamos agora a menos de 800 metros da Mesquita .Para o Estado Islâmico, a perda da mesquita seria grande, o local serviu como "capital" do grupo desde de 2014 quando seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, se proclamou chefe de um califado que atravessa o Iraque e a Síria. Na quarta-feira, segundo relatos de jornalistas e combatentes, um carro-bomba do Estado Islâmico também explodiu

perto do Museu de Mossul. “Até 600 mil civis ainda estão presos com os militantes dentro de Mossul. O Ministério da Imigração e Deslocamento disse na terça-feira que, nos últimos dias, quase 13 mil pessoas deslocadas do oeste de Mossul receberam assistência e acomodações temporárias por dia, somando aos 200 mil já deslocados”.

Link: <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-mosul-idUSKBN16M11Z>

Título: Archaeologists In Syria Use 'Data Water' To Confound Antiquities Smugglers

Jornal: NPR

Data da publicação: 21/03/2017

Resumo: “Arqueólogos sírios estão usando um novo produto para tentar parar o fluxo ilegal de antiguidades. É um líquido de alta tecnologia visível sob luz especial que transporta dados de marcação de onde os itens vêm”. A especialista em falsificações de arte, comprometida em impedir o comércio ilícito de antiguidades e porta-voz da SmartWater CSI, Deborah Ramos Byline, em entrevista a NPR descreveu e exemplificou o processo do experimento. Segundo ela, com o líquido forense – uma nanotecnologia – é possível obter dados suficientes, como uma impressão digital, para descobrir o local de origem do artefato. Não é possível remover a marcação, com duração de anos.

Link: <http://www.npr.org/2017/03/21/520922468/archaeologists-in-syria-use-data-water-to-confound-antiquities-smugglers>

Título: Global fund to protect cultural heritage launches with \$75m and board led by US billionaire Thomas Kaplan

Jornal: The Art Newspaper

Data da publicação: 20/03/2017

Fichamento:

O Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou unanimidade na resolução condenando a destruição do patrimônio cultural durante os conflitos armados, nomeadamente por parte de grupos terroristas, e responsabilizando os perpetradores pelos seus atos.

Elaborado por França e Itália, a resolução 2347 também faz recomendações operacionais para combater o tráfico de arte. É a primeira resolução adoptada pelo Conselho de Segurança a centrar-se na proteção do património cultural em todo o mundo.

Um novo fundo global para proteger o património cultural em zonas de guerra, liderado pela França e pelos Emirados Árabes Unidos, já arrecadou US \$ 75 milhões de um planeado US \$ 100 milhões. O fundo foi oficialmente lançado hoje, 20 de março, no Louvre, em Paris, pelo presidente francês François Hollande e pelo vice-primeiro ministro dos Emirados, o xeque Saif Bin Zayed Al Nahyan.

Originalmente proposto em uma conferência internacional realizada sob os auspícios do G7 em Abu Dhabi em dezembro passado, a Aliança Internacional para a Proteção do Patrimônio em Áreas de Conflito (Aliph) foi registrada em 3 de março em Genebra. O fundo, nomeado após a primeira letra do alfabeto árabe, será conduzido por um conselho de 14 membros, presidido pelo bilionário americano Thomas Kaplan.

Inspiradas pelo Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária, as autoridades francesas insistem na importância do apoio da filantropia privada nos EUA, como a Kaplan, a Fundação Mellon e o World Monuments Fund. A maior parte do dinheiro levantado até agora veio da França (US \$ 30 milhões), Os Emirados Árabes Unidos (US \$ 15 milhões) e a Arábia Saudita (US \$ 20 milhões). Alguns países, como a Suíça, a Alemanha e a China, propuseram ajudar através de apoio administrativo, como a criação de uma sede para o fundo em Genebra ou o armazenamento de antiguidades ameaçadas em museus nacionais. O Reino Unido já tem seu próprio fundo de US \$ 32 milhões para proteger o patrimônio em zonas de conflito.

O lançamento do fundo ocorre exatamente dois anos após uma conferência de imprensa realizada pelo presidente francês no Louvre, em protesto contra a destruição de Isis no Museu de Mossul e na antiga cidade de Nimrud, no mesmo dia em que o Museu do Bardo foi atacado em Túnis. Hollande então encomendou um relatório sobre como tais crimes poderiam ser interrompidos do diretor do Louvre, que incluiu a ideia de um fundo internacional entre 50 propostas para combater o terrorismo e o tráfico de arte.

Funcionários franceses sublinharam ainda que esta iniciativa era complementar aos

programas organizados pela Unesco, que também terá um representante no conselho, e outros esforços, como a reunião do G7 Cultural planeada em Florença no final do mês. Em 24 de março, a França proporá uma resolução co-patrocinada pela Itália ao Conselho de Segurança da ONU, enfatizando a importância de proteger os locais culturais em todas as zonas de conflito e combater o tráfico de arte. Embora já tenha adotado tais resoluções sobre o Iraque ou a Síria, esta seria a primeira proclamação geral do conselho sobre o patrimônio cultural em todo o mundo.

"Depois de todos os discursos pronunciados contra tais atos bárbaros, temos de nos mudar", disse um porta-voz diplomático do governo francês. "Quando vemos, com o avanço das tropas no Iraque.

Link: <http://theartnewspaper.com/news/global-fund-to-protect-cultural-heritage-launches-with-75m-and-board-led-by-us-billionaire-thomas-ka/>

Título: "Há uma forte propensão a se considerar tudo como patrimônio cultural"

Jornal: Defender

Data da publicação: 21/03/2017

Resumo: Em seu livro "Economia do Patrimônio cultural", Françoise Benhamou, levanta algumas questões sobre a preservação do patrimônio cultural e a manutenção de sua integridade, quem deve bancar e como devem ser aplicados os recursos, como tornar o patrimônio mais atrativo entre outras questões, tendo em vista a importância do patrimônio cultural para a história e identidade de um povo e sua economia. Segundo a autora, "há uma forte propensão a se considerar tudo como patrimônio. O crescimento permanente da lista cria uma fronteira muito difusa entre patrimônio e outras coisas. Se nós achamos que preservação do patrimônio é importante, nós provavelmente precisamos ser mais "maltusianos" e mais seletivos".

Link: <http://defender.org.br/noticias/ha-uma-forte-propensao-se-considerar-tudo-como-patrimonio-cultural/>

Título: Saving Syria's heritage: Archaeologists discover invisible solution

Jornal: BBC

Data da publicação: 21/03/2017

Resumo: O contrabando ilegal de artefatos por terroristas na Síria vem crescendo, itens vem aparecendo na Europa e nos EUA sendo oferecidos a colecionadores particulares como forma de financiamento das atividades dos grupos. A solução encontrada por arqueólogos sírios que se encontram fora de áreas controladas pelo governo é pintar os artefatos com um líquido claro, invisível a olho nu, mas detectável sob luz ultravioleta, em que é possível identificar o local de origem dos artefatos. Desenvolvido pela Smartwater, empresa britânica de prevenção ao crime, foi testado por cientistas em mosaicos romanos, cerâmicas bizantinas e esculturas antigas. A esperança é detectar coletores e contrabandistas de itens roubados com a ameaça de perseguição. O projeto foi supervisionado pelo arqueólogo sírio Amr Al-Azm. Segundo ele, o líquido não prejudica a cerâmica e outros materiais antigos.

Link: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-39331342>

Título: Why Mosul's Great Mosque of al-Nuri matters

Jornal: BBC

Data da publicação: 21/03/2017

Resumo: As forças iraquianas estão se aproximando da retomada da Cidade Velha, onde se encontra a grande Mesquita de Al-Nuri, em Mossul. A retomada do local seria de grande valor simbólico, por se tratar do local de anúncio do líder do Estado Islâmico de criação de um califado. A mesquita recebe o nome do famoso governante turco Nur al-Din Mahmoud, que ordenou sua construção por volta de 1172 e que mobilizou forças muçulmanas para fazer a jihad, ou guerra no caminho de Deus, contra os cruzados cristãos. O grupo terrorista ocupa o local desde de julho de 2014, quando Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico, exigiu lealdade de todos os muçulmanos do mundo.

Link: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-39339373>

Título: UN warns that destroying cultural heritage may be war crime

Jornal: The Daily Star

Data da publicação: 24/03/2017

Resumo: "O Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade uma resolução condenando a destruição ilícita do patrimônio cultural e alertando o ISIS, a Al-Qaeda e outros combatentes que tais ataques podem constituir crimes de guerra. A resolução

aprovada sexta-feira expande medidas anteriores, que se limitaram a tráfico de itens culturais saqueados para financiar o terrorismo e concentrou-se principalmente no Iraque e na Síria, onde extremistas do ISIS destruíram locais antigos, incluindo Palmira. A medida recentemente adotada visa não só a ISIS, a Al-Qaeda e suas afiliadas, mas todas as partes em conflitos. Isso leva a acusação dos responsáveis por atentados contra monumentos e locais históricos e edifícios dedicados à religião, à educação, à arte, à ciência ou a fins caritativos, bem como aqueles que realizarem escavações ilegais, pilhagem e tráfico de mercadorias roubadas”.

Link: http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2017/Mar-24/399040-un-warns-that-destroying-cultural-heritage-may-be-war-crime.ashx?utm_content=buffer4fdf9&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer

Título: UN Security Council adopts historic resolution for the protection of heritage

Jornal: UNESCO

Data da publicação: 24/03/2017

Resumo: O Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade a resolução 2347 para proteção do patrimônio, durante a reunião pública sobre a “Manutenção da paz e segurança internacional: destruição e tráfico de patrimônio cultural por grupos terroristas e em situação de conflito armado”, sendo a primeira a concentrada no patrimônio cultural. Em pronunciamento, a diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, disse que “A destruição deliberada do patrimônio é um crime de guerra, tornou-se uma tática de guerra para rasgar a sociedades a longo prazo, numa estratégia de Limpeza Cultural. É por isso que a defesa do patrimônio cultural é mais do que uma questão cultural, é um imperativo de segurança, inseparável do de defender vidas humanas” e que “As armas não são suficientes para derrotar o extremismo violento, construir a paz também exige cultura, é preciso educação, prevenção e transmissão de patrimônio, é a mensagem desta resolução histórica. “Desde a resolução 2199 do Conselho de Segurança em 2015, que proíbe o comércio de bens culturais do Iraque e da Síria, estão em curso esforços para interromper o financiamento do terrorismo através do tráfico ilícito de antiguidades. ”Juntos, a UNESCO, a INTERPOL, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, os serviços alfandegários, o setor privado e os museus estão todos reforçando a cooperação, coordenando novas ações”, disse Bokova.

Link: <http://en.unesco.org/news/security-council-adopts-historic-resolution-protection-heritage>

Título: New Exhibit At Penn Museum To Showcase Artifacts From Iraq, Syria

Jornal: CBS

Data da publicação: 29/03/2017

Resumo: Uma nova exposição será aberta em breve no Museu Penn, chamada “Cultures in The Crossfire”. A mostra conta com mais de 50 itens do Iraque e da Síria e tem como objetivo preservar os artigos de uma região de intenso conflito. Segundo o curador-chefe, Dr. Salam Ak Kuntar, “Esses artefatos, esses monumentos fazem parte da identidade do povo da Síria e do Iraque. Estes constituem o tecido cultural que faz os sírios e os iraquianos que são agora” e que “É muito importante que os refugiados gostem dos lugares que estão tentando estabelecer uma nova vida. Eles têm uma conexão com sua pátria e sabem que as pessoas aqui no museu e as pessoas na cidade de Filadélfia realmente apreciam essas culturas e sabem algo sobre isso”.

Link: <http://philadelphia.cbslocal.com/2017/03/29/new-exhibit-at-penn-museum-to-showcase-artifacts-from-iraq-syria/#.WNzNLEv7rcp.facebook>

Título: Destruição do Estado Islâmico revela palácio com 2600 anos

Jornal: Diário de Notícias

Data da publicação: 09/03/2017

Fichamento:

Sob os escombros de uma cidade arrasada pelo Estado islâmico, no emaranhado de túneis construídos pelo grupo terrorista na região de Mossul no Iraque, um grupo de arqueólogos encontrou aquilo que suspeita ser um palácio com 2600 anos.

A descoberta foi feita no monte de Nabi Yunus - um dos que integrava a antiga cidade assíria de Nínive -, a este de Mossul, junto ao local onde se acredita estar o túmulo do profeta Jonas, destruído pelo grupo terrorista em 2014, aquando da tomada daquela região. Depois de as forças iraquianas terem conseguido recuperar a região, no início deste ano, os

arqueólogos exploraram a zona e os túneis escavados pelo Estado Islâmico, para avaliar os estragos. E foi aí que encontraram um palácio, datado do ano 600 a.C.

Os militantes do Estado Islâmico terão destruído ou vendido no mercado negro inúmeros artefatos, mas o caminho aberto até ao templo permitirá entender melhor aquele período. Os arqueólogos acreditam que o palácio agora descoberto está ligado a três gerações de reis assírios: terá sido construído pelo rei Senaqueribe, que governou entre 705 e 681 a.C., renovado pelo filho Assaradão (681-669 a.C.) e também pelo neto, Assurbanípal (669-627 a.C.).

Além do palácio, o grupo de investigadores descobriu outros artefatos de valor inestimável, nomeadamente uma inscrição cuneiforme em mármore do rei Assaradão ou uma escultura assíria de uma semideusa.

Link: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/destruicao-do-estado-islamica-revela-palacio-com-2600-anos-5714360.html>

Título: How Mosul's last librarian is preparing for when his city is free from Isis

Jornal: The Independent

Data da publicação: 20/03/2017

Resumo: Em um momento de aproximação da libertação de Mossul, um historiador trabalha para preservar e continuar seu trabalho na Biblioteca de Mossul, destruída pelo ISIS em 2014. Na época, professores e funcionários da biblioteca foram obrigados a fugir enquanto o grupo terrorista destruía o prédio e queimava documentos. O historiador é o autor do blog "Mosul Eye" e não pode ser identificado por questões de segurança. Ele documenta a vida da cidade ocupada, e descreveu o período anterior a entrada do ISIS na cidade. Segundo ele, uma reunião foi convocada para o corpo docente junto a um membro do ISIS, que descartou tudo aquilo que não acrescenta aos "mulçumanos" (visão do grupo terrorista). Mais de 100.000 mil manuscritos foram destruídos, incluindo alguns registrados na lista de raridades da UNESCO.

Em entrevista ao The Independent, ele afirma que espera arrecadar pelo menos 200 mil livros, principalmente e doações internacionais, para reconstruir a biblioteca central da universidade em Mossul e outras em toda a cidade após o fim do conflito. Para ele, a destruição do conhecimento e da cultura de seu país é "devastador". "Manuscritos que documentam a fase mais importante e crítica da história do Mossul moderno podem não ser recuperados. Haverá sempre um buraco negro na história de Mossul e Iraque como resultado", disse ele.

Houve várias tentativas de secretas de salvar os documentos, mas é difícil estimar quantos ainda restam. Aguardando a retomada da completa da cidade e pensando no futuro, as doações de livros estão sendo coletadas na cidade até então segura de Irbil, onde são classificados, rotulados e preparados para voltarem as bibliotecas posteriormente.

Link: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/mosul-central-library-isis-iraq-battle-war-destroyed-books-eye-a7631956.html>

Título: Local Wars and the Chance for Decentralized Peace in Syria

Jornal: Carnegie Middle East Center

Data da publicação: 28/03/2017

Fichamento:

O regime de Assad tem confiado em redes de agentes locais e intermediários para impor sua autoridade e atualmente está tentando reafirmar o controle sobre cada área de oposição ou atraindo as elites locais de volta para suas redes ou esmagando a área com força militar.

O levante sírio e a subsequente insurgência nunca foram um movimento nacional unificado; Desde o início, a oposição foi definida e dividida por identidades locais. A brutalidade da guerra e a natureza caótica da ajuda externa enraizaram as divisões locais e minaram os esforços para criar uma liderança unificada.

Seis anos de conflito alteraram irremediavelmente as estruturas administrativas do estado sírio das províncias e distritos, tornando a política do país mais localizada do que nunca. Isso muitas vezes capacita novas elites locais e fornece-lhes novas áreas de tomada de decisão e implementação de políticas.

As comunidades locais com maior influência sobre a política local provavelmente ajudarão a mitigar a corrupção que emana de Damasco. Isto é necessário para evitar a possibilidade de os fundos de reconstrução renovarem um quadro de elites cleptocráticas afiliadas ao regime, semelhantes às contra quem a maior parte da população se levantou em 2011.

Desde que o Partido Baath tomou o poder em 1963, o governo central sírio trabalhou para

penetrar a sociedade síria local para mobilizar apoio e esmagar a dissidência. Começou com tentativas de organizar as elites locais sob o guarda-chuva das organizações baathistas e depois confiar nas estruturas administrativas estaduais da Síria para incorporar redes clientelistas e reforçar sua autoridade em todo o país.

A revolta síria de 2011 revelou uma profunda insatisfação com a gestão de Damasco de assuntos locais em todo o país, enquanto os manifestantes se mobilizavam contra as redes de afiliados locais do regime.

Logo, as elites locais que tradicionalmente haviam funcionado como intermediários do regime - famílias distintas, líderes tribais e religiosos, comerciantes ricos e outros - não eram mais capazes de administrar a população nem conter dissidência.

À medida que o levante se transformou em um conflito armado, o regime de Assad rapidamente expandiu suas redes de intermediários locais na tentativa de manter sua autoridade. Enquanto isso, uma nova classe de corretores de poder local surgiu em muitas das localidades que se juntaram à oposição, muitas vezes servindo como intermediários entre suas regiões e os doadores estrangeiros que começaram a apoiar a oposição síria.

Depois de seis anos de guerra, o regime agora está se movendo agressivamente para restabelecer a autoridade política de Damasco sobre as localidades de oposição centralizando o fluxo de recursos para essas localidades da capital.

Com a ajuda da Rússia, o regime está tentando ou cooptar intermediários locais atuais ou criar novos e absorver esses intermediários dentro das redes do regime - ou, se isso não acontecer, esmagar as localidades por meio da força militar, como acontece com o cerco brutal e subsequente recaptura de Oposição-realizada Aleppo do leste em 2016 atrasado.

A Síria provavelmente permanecerá um estado centralizado, mas um foco renovado para as negociações de paz deve ter por objetivo resolver os parâmetros da autoridade federal do governo central da Síria em relação às áreas de autoridade de decisão local de que gozam várias localidades.

Desde o início do Partido Baath na Síria, sua liderança tem se preocupado com a forma de penetrar as localidades do país e vinculá-los à autoridade central.

Os residentes são ligados por um senso comum de identidade que está enraizado em um sentimento de tutela compartilhada, com famílias muitas vezes capazes de rastrear suas histórias e inter-relações de volta centenas de anos.

Quando o Partido Baath tomou o poder em Damasco, em 1963, estava profundamente consciente de que, embora permanecesse forte na capital, sua presença nas periferias do país era limitada. Naquela época, uma classe de líderes tradicionais e proprietários de terras dominavam a política local.

A segunda onda de reformas otomanas (*tanzimat*) no final do século XIX criou posições administrativas para governar as localidades da Síria, que permaneceram no local e foram transmitidas através das famílias durante o mandato francês de 1923 a 1946.

Era assim substituir essa classe de líderes locais tradicionais por uma nova liderança local leal ao regime, consolidando a autoridade política dentro das várias localidades em uma estrutura de poder centralizada operando a partir de Damasco.

Criaram novas organizações nas localidades, como sindicatos camponeses, aos quais nomearam jovens quadros educados leais ao partido que poderiam desafiar a autoridade das elites locais tradicionais.

No entanto, as estruturas familiares que haviam dominado as localidades durante quase um século permaneceram em grande parte intactas.

As novas elites locais promovidas pelo Partido Baath cresceram em estruturas de poder paralelas, concorrentes dentro da comunidade, embora aquelas que serviam o regime como umnexo por meio do qual ela poderia organizar e exercer controle.

Para controlar a animosidade entre os líderes locais novos e tradicionais, Hafez al-Assad, que governou a Síria de 1970 a 2000, trabalhou para absorver ambos os grupos no quadro administrativo do estado. Para tanto, seus diversos ramos e nomeações (tais como governadores, chefes de conselhos provinciais, chefes de distritos, etc.) tornaram-se importantes canais através dos quais o regime poderia cooptar e conter as elites locais, oferecendo-lhes cargos na administração local Sem concessão de poder de decisão significativo.

Os administradores locais, portanto, se tornaram úteis ao regime como forma de conter a

dissidência política.

O poder de decisão para assuntos políticos, de segurança, judiciais e orçamentais permaneceu centralizado em Damasco. A responsabilidade de implementar as decisões tomadas pelas autoridades centrais foi dispersa para as localidades através das redes do regime, intermediários locais e agências de segurança, que funcionavam em paralelo com a administração local oficial.

Antes do início da revolta síria em 2011, os intermediários locais (wasata mahallyn) eram geralmente membros proeminentes da localidade, muitas vezes membros de poderosas famílias e tribos, figuras religiosas ou empresários.

Apesar de não possuírem poder de decisão independente sobre os assuntos de sua localidade, os intermediários locais atuaram como intermediários informais - pontos de contato para que os moradores acessassem o processo de tomada de decisão e a estrutura de poder do regime centralizado, bem como um meio pelo qual líderes de regime em Damasco pudessem exercer seu poder.

Uma característica chave era que eles eram membros respeitados da comunidade e gozavam de um grau de proeminência em suas respectivas localidades.

Importante, embora o regime de Assad seja dominado por membros da seita Alawite, sua abordagem focalizou a dinâmica sociopolítica de cada localidade e não a afiliação sectária dos moradores.

Nos primeiros quatro anos de seu governo, Bashar al-Assad embarcou em uma série de reformas ostensivamente destinadas a abrir a economia da Síria.

A revolta síria e a subsequente insurgência contra o regime governante nunca foi um movimento nacional unificado.

Em abril de 2011, com o surgimento de protestos em periferias de cidades e cidades rurais em todo o país, o regime em Damasco começou a trazer delegações de várias localidades para tentar negociar o fim das manifestações caso a caso.

O regime ainda operava pelo antigo sistema, que já não se aplicava no novo contexto. Embora muitas localidades de oposição tivessem então formado seus próprios comitês populares para representar suas áreas, Assad estava recebendo as delegações e só concordaria em reunir-se com intermediários locais que permaneceram leais ao regime.

A brutal violência e as táticas de assédio que o regime desencadeou contra áreas rebeldes e a militarização posterior da oposição entrincheiraram as divisões e a competição entre as localidades da oposição e reforçaram a natureza localizada do conflito.

As tensões aumentaram à medida que a revolta progrediu ao longo de 2011, com os locais originais em grande parte apoiando a oposição e contribuindo lutadores para o Exército Sírio Livre, e as famílias do exército consideradas membros do aparato do regime.

O regime de Assad expandiu significativamente as suas redes de intermediários nas áreas em que manteve o controle, mesmo quando as funções destes intermediários foram adaptadas às novas realidades do conflito; Em áreas onde o regime perdeu o controle, muitas vezes perseguiu uma estratégia de tentar cooptar um novo grupo de elites locais de volta para a dobra do regime ou procurar esmagar a localidade com força militar.

Ao contrário do regime, a oposição não entrou no conflito com uma estrutura central forte para orientá-la. Essa falta significava que cada localidade de oposição rapidamente se tornaria seu próprio centro de poder: cada um empregava um modelo diferente de autogoverno e cada um fazia acordos diferentes entre os grupos armados e as autoridades cívicas.

A violência brutal do regime contra as áreas de oposição e a natureza caótica da ajuda estrangeira que os apoiava enraizou ainda mais o seu isolamento e animosidade, o que por sua vez minou as tentativas de formar uma frente de oposição unificada.

Nas áreas onde o regime perdeu o controle, figuras da oposição dentro das localidades organizaram conselhos locais sob a bandeira da revolução síria. Famílias locais proeminentes se envolveram nesses conselhos para ajudar a gerenciar recursos nas localidades.

A oposição nacional oficial da Síria, representada em diversas ocasiões pelo Conselho Nacional da Síria e pela Coalizão Nacional para as Forças Síria Revolucionárias e de Oposição, nominalmente falando para áreas de oposição na Síria em fóruns internacionais, Mas nunca teve autoridade de tomada de decisão eficaz ou sustentada nas

localidades no terreno.

Vários fatores minaram os esforços para estabelecer uma liderança centralizada da oposição. Um deles foi a inépcia da liderança central e *domuhafadhat* em efetivamente entregar fundos e ajuda às localidades sob sua jurisdição, ajudando a fomentar a desconfiança local da liderança central.

Outra foi que as localidades estabeleceram seus próprios intermediários com o mundo exterior e, assim, adquiriram de forma independente ajuda e fundos de uma multiplicidade de doadores internacionais.

Isto criou uma concorrência entre as localidades pelo acesso aos recursos, agravando ainda mais a ação política e minando a importância e a influência da liderança centralizada da oposição a nível local.

O conflito sírio atraiu enormes entradas de recursos para áreas de oposição na forma de armas, alimentos, remédios, equipamentos, dinheiro e muito mais. Uma concepção comum entre os doadores internacionais, especialmente as organizações de base ocidental, era que apoiar os grupos locais no terreno poderia capacitá-los para desafiar a autoridade central em Damasco.

Todas as estruturas que construiu na Síria foram desenvolvidas em resposta a desenvolvimentos rápidos no terreno e, portanto, foram de natureza temporária - em suma, a oposição sempre reagiu e nunca desenvolveu uma estratégia verdadeiramente proativa.

Enquanto isso, as estruturas locais de poder tornaram-se cada vez mais arraigadas. Se a oposição fosse habilitar os centros regionais de poder, eles poderiam ser acusados de separatismo. No entanto, uma estrutura fortemente centralizada não é mais possível por causa das divisões locais.

A situação política da Síria foi significativamente complicada pela quebra das fronteiras administrativas e das estruturas administrativas do Estado ao longo da guerra, particularmente no norte e no leste da Síria. Por exemplo, Aleppo já não funciona como um governador único, mas tem grandes seções que foram capturados e incorporados em projetos políticos separados de milícias curdas, o Estado islâmico, grupos de oposição apoiados por turcos e o regime.

Para que qualquer solução política seja eficaz, terá de ter em conta o poder relativo das localidades e a dinâmica prevalecente. Uma divisão do poder baseada unicamente na geografia provavelmente não funcionaria para a Síria porque cada região está fragmentada em várias localidades com diferentes níveis de poder e autoridade e diferentes relações com o mundo exterior.

Link: <http://carnegie-mec.org/2017/03/28/local-wars-and-chance-for-decentralized-peace-in-syria-pub-68369>